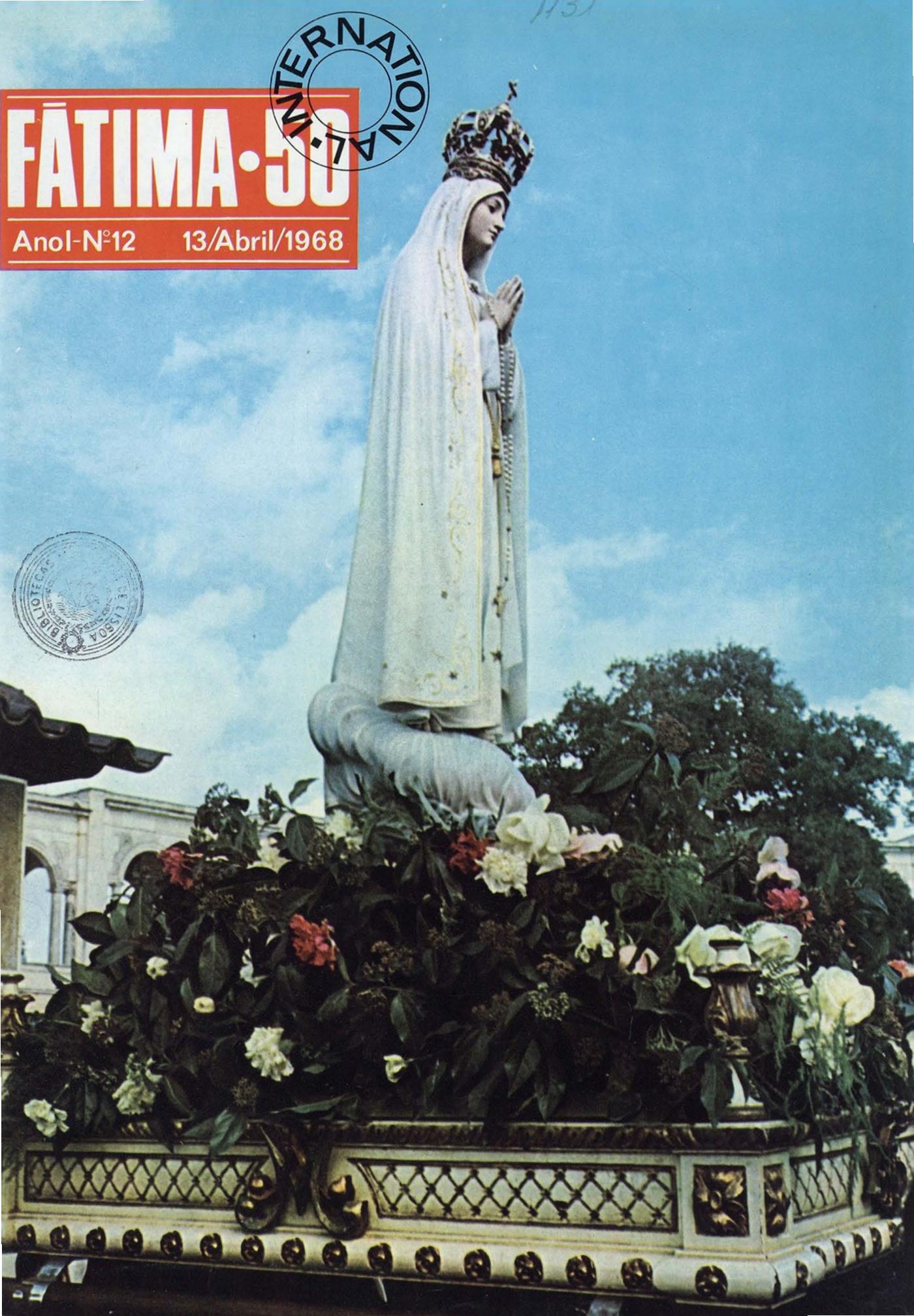


173

FÁTIMA • 50

INTERNATIONAL

Ano I - Nº 12 13/Abril/1968





A PÁSCOA, FÁTIMA E A PAZ

Ao terminar a sua Encíclica sobre a Paz (*Pacem in Terris*, 11 de Abril — Quinta-feira Santa de 1963), o bondoso Papa João XXIII convida-nos a meditar nos mistérios deste tempo litúrgico, mistérios que nos falam da Paz trazida por Cristo ao Mundo, e a pedir, «com instantes súplicas ao Divino Redentor esta Paz que Ele nos trouxe».

Recorda João XXIII como «**Cristo ressuscitado, apresentando-Se no meio dos Seus discípulos, os saudou com estas palavras: "a Paz seja convosco!"**... Cristo, pois, trouxe-nos a Paz, deixou-nos a Paz: "**A Paz vos deixo, a minha Paz vos dou. Não vo-la dou como o Mundo a dá**".»

A Paz de Cristo é diferente da paz do Mundo. Tem outros fundamentos e outras consequências. Os fundamentos da Paz de Cristo são a Verdade, a Justiça, a Liberdade e o Amor. Ora, o Mundo não sabe o que é a Verdade. Agnóstico absurdo, retrata-se em Pilatos o qual, ante a afirmação de Jesus: «Eu vim para dar testemunho da Verdade», Lhe pergunta, sem esperar pela resposta: «E o que é a Verdade?»

O Mundo nada quer com a Justiça porque supõe ser possível dominar com a força.

Não aceita limites para as suas desmesuradas ambições e por isso não é livre.

Do Amor só conhece as aparências mesquinhas e caducas, nunca chegará a entender esta palavra do Senhor: «Ninguém ama mais do que aquele que dá a vida pelo seu irmão».

Em consequência, a paz do Mundo é a paz da cegueira; a tranquilidade do ignorante; o esmagamento dos «sem direitos»; a imobilidade dos escravos; a sociedade animal dos sensuais...

Ilusão. Donde parece nascer a paz nasce apenas a discórdia, a guerra. Algumas palavras mais da Encíclica *Pacem*

DEPÓSITO LEGAL

-0 MAI 1968

in Terris nos convém recordar: «A realidade destes santos dias (Semana Santa) exige que nos dirijamos com preces suplicantes Àquele que com os Seus dolorosos tormentos e com a Sua Morte não só apagou os pecados, fonte principal de todas as divisões, misérias e desigualdades, mas também, ao derramar o Seu Sangue reconciliou o género humano com o Seu Pai Celeste.»

Os pecados do Mundo, fontes de divisões, misérias, desigualdades e, portanto, de guerras, são a mentira, toda a espécie de injustiças, os atentados contra a liberdade dos indivíduos e dos Povos, os ódios, rancores e desavenças entre os irmãos.

A Paz de Cristo é a Paz na Verdade do conhecimento de tudo aquilo que o homem deve saber para realizar-se neste Mundo e ganhar o Céu; a Paz na Justiça da igualdade de dignidade de todos os homens; a Paz na Liberdade de pensamento, de religião; a Paz no Amor da fraternidade entre todos os homens.

A Paz de Cristo de que a Páscoa é uma afirmação eloquente, é exactamente a Paz anunciada por Nossa Senhora em Fátima.

Em primeiro lugar, para acabar com a origem de todas as divisões, misérias e desigualdades:

«Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido».

«Se os homens deixarem de ofender a Deus, terão a paz; mas se continuarem a ofendê-Lo, virão guerras ainda mais terríveis... terá dito Nossa Senhora aos pastorinhos.

A Virgem Maria pede «penitência» para se obter a Paz. Penitência significa regresso a Deus; significa justiça; quer dizer liberdade.

À Virgem Maria pede «oração»: «Rezai o Terço todos os dias para conseguirdes a Paz para o Mundo.» Oração quer dizer amor de Deus; significa união de todos os homens em Cristo.

Fátima é Páscoa. É um trânsito da vida de pecado à vida da graça, pela penitência. A passagem das trevas à luz da verdade; da imposição ao direito; da opressão à liberdade; do ódio ao amor.

Fátima é uma Páscoa-Promessa de trânsito de um estado de guerra a um estado de Paz: com Deus e com o próximo.

O. F.

FÁTIMA-50

INTERNACIONAL

Ano I-Nº 12 13 / Abril / 1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO :

ACTUALIDADES

Peregrinações	16
O Mundo em Fátima	9
Fátima no Mundo	33

DOCUMENTOS

Para uma definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima	4
--	---

COLABORAÇÕES

O suposto silêncio de Paulo VI em Fátima	13
O Rosário pela Bíblia	22

TESTEMUNHOS

A Páscoa, Fátima e a Paz	2
Dia Mundial dos Doentes	28

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores e foto da pág. 2 de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»

RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary	30
-------------------------------------	----

Accita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES. S.A.R.L., Lisboa/Cacém.



PARA UMA DEFINIÇÃO DA PAZ SEGUNDO A MENSAGEM DE FÁTIMA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

II - JOÃO XXIII

Tentámos esboçar uma definição da Paz a partir de certos documentos de Pio XII e enquadrando-os nas premissas de Paz que nos são oferecidas na Mensagem de Fátima: Penitência e Oração.

Considerada a «Penitência» como justiça ordenadora — e a paz é ordem — e a «Oração» como meio de conseguir de Deus um dom divino, assim definimos a Paz: «Uma atitude de espírito que se reflecte, no exterior, através da justiça nas relações sociais e no progressivo bem estar de todos os povos, sem predomínio de uns sobre os outros, como consequência do cumprimento dos próprios deveres (penitência) e, no interior, por um auxílio especial de Deus que se obtém pela oração».

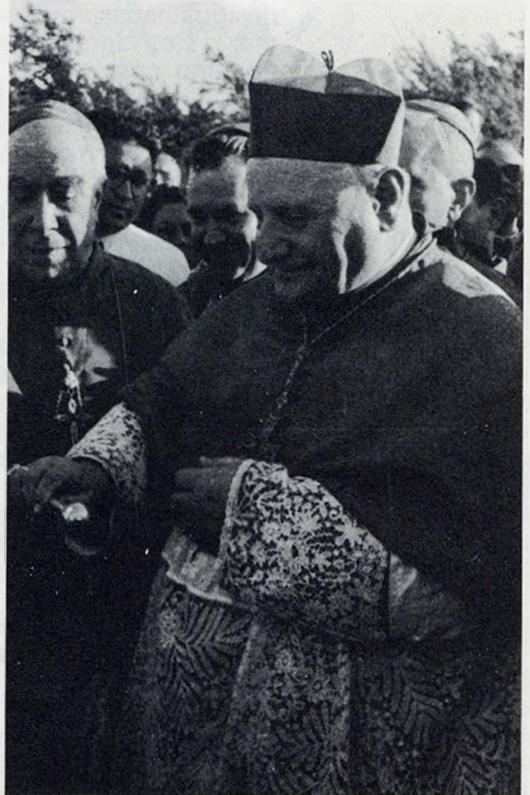
Esta definição baseia-se nos indicativos extraídos dos documentos de Pio XII. E é como coordenada entre os dois polos da Mensagem de Fátima: Penitência e Oração.

Tentaremos, agora, apoiar a definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima no pensamento de João XXIII. Socorrer-nos-emos apenas de dois documentos, qualquer deles de capital importância no nosso tempo: as Encíclicas Mater et Magistra e Pacem in Terris.

Antes, porém, de entrarmos no assunto, queremos vincar a ideia de que a linha de pensamento de João XXIII, neste campo, é continuação serena e firme da linha de pensamento do seu predecessor na Sé de Pedro. Teremos oportunidade de verificar esta sequência e apontá-la, até, se o acaso nos deparar uma citação em que João XXIII, por seu turno, cita Pio XII. Mas se esta hipótese se não der, podem os leitores interessados constatar-la ao ler, integralmente, os documentos referidos.

Para orientação, uma vez descoberta a conexão entre as ideias pontificias sobre a paz e a Mensagem de Fátima, esquematizamos o artigo segundo a definição tentada.

Assim, teremos, simplesmente, uma ideia de justiça social que se desenvolve em progresso



João XXIII quando, Cardeal Roncalli, esteve em Fátima como peregrino, em 13 de Maio de 1956.

como sinónimo de bem estar para todos ou bem comum, à escala nacional e internacional, na sequência da parte da Mensagem de Fátima que fala da «Penitência»; uma ideia de «Oração» para obtenção do dom divino que se chama Paz.

Uma advertência importa fazer antes de entrar no assunto. Torna-se difícil encontrar, em João XXIII, os termos académicos de uma definição pura. O Papa Roncalli era mais prático do que académico. Para ele, mais do que a teoria interessava a acção. Por isso é quase impossível dar uma definição da Paz seguindo o seu pensamento, sem se apontar imediatamente quer o seu fundamento quer o modo como se pode ou deve conseguir a Paz.

Não importa. Teremos avançado no propósito de orientar todos os amantes da Paz no sentido de fazerem quanto estiver ao seu alcance para a conseguir.

A Paz está indissolúvelmente ligada ao Progresso: «Os ensinamentos que expusemos (escreve João XXIII ao finalizar a encíclica Pacem in Terris) sobre os problemas que, na actualidade, tão profundamente preocupam a humanidade e que tão estreita conexão guardam com o progresso da sociedade, foram-nos ditados pelo profundo desejo do qual participam ardentemente, como o sabemos, todos os homens de boa vontade, ou seja a consolidação da Paz no Mundo». P. T. n.º 166.

Este período da Encíclica como que sanciona esta ideia-motivo para toda ela: paz-progresso.

Este progresso inicia-se com e em cada homem para, depois, se estender à humanidade inteira. A paz de cada um é a realização total do que cada um é e pode ser, como homem, ou seja corpo e espírito. Para tanto, precisa de certos meios a que tem, em consequência, direito. Chegamos à definição, significação e função do bem comum: «O bem comum abrange o homem todo, ou seja, tanto as exigências do corpo como as do espírito. Pelo que, em consequência, os governantes devem procurar dito bem pelas vias adequadas e gradativamente de modo que, respeitando a devida ordem de valores, ofereçam ao cidadão a prosperidade material e, ao mesmo tempo, os bens do espírito». P. T. n.º 57.

Neste ponto, João XXIII cita a Encíclica «Summi Pontificatus» de Pio XII, 1939.

Para não recorrer à Mater et Magistra onde, diz João XXIII, se encontram todos estes princípios expostos com precisão, baste-nos, aqui, o resumo que dos mesmos faz o Pontífice no n.º 58: «... O bem comum compreende um conjunto de condições sociais que permitam aos cidadãos o desenvolvimento rápido e pleno da sua própria perfeição».

Estabelecido o homem em paz, como cidadão de um país, importa estender esse estado de paz ao Mundo inteiro. «... É necessário recordar que também na ordenação das relações internacionais a autoridade deve exercer-se de modo que promova o bem comum de todos, já que para isto, precisamente, foi estabelecida». P. T. n.º 84.

Todas estas expressões nos apontam uma ideia de justiça, de penitência, de ordem em que se fundamenta a paz. E mais claramente se vê na longa citação da Rádio-Mensagem do Natal de 1941 de Pio XII que João XXIII nos oferece no n.º 85 da Pacem in Terris: «Entre as exigências fundamentais do bem comum deve colocar-se, necessariamente, o princípio de reconhecimento da ordem moral e da inviolabilidade dos seus preceitos. A nova ordem que todos os povos anelam... deve edificar-se sobre a rocha indestrutível e imutável da lei moral, manifestada pelo próprio Criador por

meio da ordem natural e por Ele esculpida nos corações dos homens com caracteres indeléveis... Como um farol resplandecente, a lei moral deve, com os raios dos seus princípios, orientar a rota da actividade dos homens e dos Estados, os quais devem seguir as suas advertências, salutares e proveitosas indicações, se não querem condenar à tempestade e ao naufrágio todo o trabalho e esforço para estabelecer uma ordem nova.»

Segundo esta linha de ideias, a Paz será uma ordenação adequada dos bens do Mundo de modo a que cada homem e todos os homens disfrutem do indispensável à perfeição própria, realização de toda a sua personalidade, projectando-se, de um estado pacífico privado e ao mesmo tempo vivido planetariamente, para a eternidade. A Paz é uma justiça ordenada que a todos favorece por igual e não sujeita ninguém a quem quer que seja.

«A experiência ensina que são muitas e grandes as diferenças entre os homens, quer em ciência, quer em virtude, inteligência ou bens materiais. Mas este facto jamais pode justificar a pretensão de servir-se da superioridade própria para submeter, de qualquer modo que seja, os outros. Pelo contrário, esta superioridade implica uma obrigação social mais grave para ajudar os outros a conseguirem, em comum esforço, a própria perfeição.» P. T. n.º 87.

Esta passagem vem entre todas as outras em que se fala do auxílio aos países em vias de desenvolvimento e onde se fala concretamente de que as relações internacionais devem reger-se pela verdade, justiça, solidariedade activa e liberdade.

Como resumo de todos os pontos expostos pormenorizadamente e que ocupariam muito espaço, baste citar o n.º 131 da Pacem in Terris: «Nenhum país, pode, separado dos outros, atender como deve ao seu proveito e alcançar de maneira completa a sua perfeição. Porque a prosperidade ou o progresso de cada país são, por um lado, efeito e por outro causa da prosperidade e progresso dos outros povos».

Como se atinge este objectivo? «Entre as mais graves tarefas dos homens de espírito generoso deve incluir-se, sobretudo, a de estabelecer um novo sistema de relações na sociedade humana, sob o magistério e égide da verdade, da justiça, da caridade e da liberdade. Primeiro, entre os indivíduos; em segundo lugar, entre os cidadãos e seus respectivos Estados; terceiro, entre os Estados entre si e, finalmente, entre os indivíduos, famílias, entidades intermédias e estados particulares de um lado, e do outro a comunidade mundial. Tarefa gloriosa, sem dúvida, porque com ela poderá consolidar-se a verdadeira

Paz segundo a ordem estabelecida por Deus». P. T. n.º 163.

Para um entendimento mais perfeito do que tudo isto significa em termos de «penitência», convém-nos recordar dois dos números desta Encíclica. Neles se nos fala da dignidade e liberdade do homem, liberdade e dignidade que foram restauradas por Jesus Cristo, num supremo acto de penitência que torna os homens filhos e amigos de Deus e herdeiros do Céu.

Vejamos: «Em toda a convivência humana bem ordenada e proveitosa deve estabelecer-se como fundamento o princípio de que todo o homem é pessoa, isto é, natureza dotada de inteligência e de livre arbitrio e que, portanto, o homem tem por si mesmo direitos e deveres que dimanam imediatamente e ao mesmo tempo da sua própria natureza. Estes direitos e deveres são, por isso, universais e invioláveis e aos quais não é lícito renunciar, seja sob que pretexto for.

«Se, por outro lado, consideramos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas por Deus, temos necessariamente, de avaliar ainda em maior grau esta dignidade, já que os homens foram remidos com o sangue de Jesus Cristo, feitos filhos e amigos de Deus pela graça sobrenatural e herdeiros da glória eterna» n.ºs 9 e 10

Por esta razão, mais adiante João XXIII há-de afirmar: «A convivência civil só poderá considerar-se ordenada, frutífera e congruente com a dignidade humana se se funda na verdade. É uma advertência do apóstolo S. Paulo: Despojando-vos da mentira, cada um fale verdade com o seu próximo, pois todos somos membros uns dos outros. — Efésios, 4, 25. Isto sucederá certamente, quando cada um reconhecer, na devida forma, os direitos próprios e os deveres que tem para com os demais. Mais ainda: uma comunidade humana será como a descrevemos quando os cidadãos, sob a guia da justiça, respeitarem os direitos alheios e cumprirem as suas próprias obrigações; quando forem movidos pelo amor de tal modo que sintam como suas as necessidades do próximo e tornem os outros participantes dos seus bens e procurem que no Mundo inteiro haja um intercâmbio universal dos mais excelentes valores do espírito humano. Mas isto só não basta porque a sociedade humana vai-se desenvolvendo conjuntamente com a liberdade, isto é com sistemas que se ajustam à dignidade do cidadão já que, sendo este, por natureza, racional, é, por conseguinte, responsável pelas suas acções». P. T. n.º 35.

«A ordem vigente na sociedade é de natureza espiritual. Porque se funda na verdade, deve praticar-se segundo os preceitos da justiça, exige ser vivificada e completada pelo amor mútuo e,

por isso, respeitando integralmente a liberdade, deve ajustar-se a uma igualdade cada vez mais humana». P. T. n.º 37

Considerada a paz, para uma adequada definição, segundo o polo «Penitência» da Mensagem de Fátima, no pensamento de João XXIII, passa-se à consideração da mesma em termos de «Oração», no sentido pleno de união com Deus.

Em primeiro lugar, a ordem que é a paz foi estabelecida pelo próprio Deus e, em segundo lugar, essa ordem maravilhosa prova-se em todas as manifestações do progresso e da técnica. O homem, dotado de intrínseca capacidade intelectual e forte querer, pode conhecer essa ordem e fomentá-la.

Estes os pensamentos que se lêem ao princípio da Encíclica Pacem in Terris: «A Paz na Terra, suprema aspiração de toda a Humanidade através da história, não pode estabelecer-se nem consolidar-se se não se respeita fielmente a ordem estabelecida por Deus». n.º 1.

«O progresso científico e os avanços técnicos ensinam claramente que, ao mesmo tempo, o homem possui uma dignidade intrínseca em virtude da qual pode descobrir essa ordem e forjar os instrumentos adequados para apoderar-se dessas forças e colocá-las ao seu serviço. n.º 2.

Na Encíclica Mater et Magistra estas ideias apresentam-se-nos com mais diáfana claridade: «Por muito grande que venha a ser o progresso técnico e económico, nem a justiça nem a paz poderão existir na Terra enquanto os homens não tiverem consciência da dignidade que possuem como seres criados por Deus e elevados à filiação divina; por Deus, dizemos, que é a primeira e última causa de toda a realidade criada. O homem, separado de Deus, torna-se desumano para si mesmo e para os seus semelhantes, porque as relações humanas exigem, absolutamente, a relação directa da consciência do homem com Deus, fonte de toda a verdade, justiça e amor». M. M. n.º 215.

«A característica insensatez da nossa época consiste na tentativa de estabelecer uma ordem temporal sólida e proveitosa sem apoiá-la no seu fundamento indispensável ou, o que é a mesma coisa, prescindindo de Deus; e quer exaltar a grandeza do homem tapando a fonte da qual brota e se nutre, isto é, pondo obstáculos e, se fosse possível, aniquilando a tendência inata da alma para Deus. Os acontecimentos da nossa época, sem embargo, que arrancaram em flor as esperanças de muitos, provocaram lágrimas a não poucos, confirmam a verdade da Escritura: «Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem». Sal. 127, 1. — M. M. n.º 217.

Existe, pois, uma íntima relação entre a Paz e Deus. Esta relação funda-se no facto de a ordem natural ser ordem de Deus. Por isso se diz que a Paz é um dom de Deus. Um dom que se pede e se merece. Um dom que se realiza e se conquista. Vimos, até esta altura, como a ordem natural se realiza na justiça, na penitência, no bem-estar de todos que supõe progresso no bem comum. A «Penitência» pedida por Nossa Senhora em Fátima significa tudo isso. Quando nos diz, por exemplo: «Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido», outra coisa não quer dizer senão que não seja mais perturbada a ordem natural. E a ordem natural, como vimos e sabemos, depende de Deus. Para que exista é necessário que o homem, em primeiro lugar conheça a autoridade de Deus e lhe obedeça.

Sendo assim, compreende-se muito bem que se possa e deva pedir a Deus, pela «oração», a graça de os homens se ajustarem à ordem natural e, em consequência, usufruirmos da paz.

«Como Vigário, embora indigno, d'Aquele a quem o anúncio profético proclamou Príncipe da Paz (Is. 9,6), consideramos nosso dever consagrar todos os nossos pensamentos, preocupações e energias a procurar este bem comum universal. Mas a paz será uma palavra vazia enquanto não se fundar sobre a ordem, cujas linhas fundamentais, movidos por uma grande esperança, como que esboçamos nestu nossa Encíclica: uma ordem fundada na verdade, estabelecida de acordo com as normas da justiça, sustentada e cheia pela caridade e, finalmente, realizada sob os auspícios da liberdade». P. T. n.º 167.

«Deve-se, não obstante, tomar em consideração que a sua realização de modo algum se pode conseguir apenas com as forças naturais dos homens, embora estejam movidos por uma boa e louvável vontade. Para que a sociedade humana constitua um reflexo, o mais perfeito possível, do Reino de Deus, é absolutamente necessário o auxílio sobrenatural do Céu». P. T. 168.

«A própria realidade exige, portanto, que nestes dias santos (a Encíclica foi publicada na Páscoa de 1963) nos dirijamos com preces suplicantes Àquele que com Seus dolorosos tormentos e com a Sua morte não só apagou os pecados, principal fonte de todas as divisões, misérias e desigualdades, mas também, além disso, ao derramar Seu Sangue, reconciliou o género humano com o Seu Pai Celeste, oferecendo-lhe os dons da paz: Pois Ele é a nossa Paz, que fez dos povos um ... E, vindo, nos anunciou a paz, tanto aos de perto como aos de longe. (Efés. 2,14-17)». P. T. n.º 169.

«Na sagrada liturgia destes dias ressoa o mesmo anúncio: Cristo ressuscitado, apresentando-se no meio dos Seus discípulos, saudou-os

dizendo: «A Paz seja convosco». E os discípulos alegraram-se vendo o Senhor. (Resp. Mat. Of. Dv. Sexta-feira da Páscoa) — Cristo, pois, trouxe-nos a paz, deixou-nos a paz: A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Não como o mundo a dá eu vo-la dou. (João, 14, 27). P. T. n.º 170.

«Peçamos, pois, com instantes súplicas, ao Divino Redentor esta paz que Ele próprio nos trouxe. Que Ele afaste dos homens tudo quanto possa pôr em perigo esta paz e transforme a todos em testemunhas da verdade, da justiça e do amor fraterno. Que Ele ilumine também com a Sua luz a mente dos que governam as nações para que, ao mesmo tempo que para elas procuram uma digna prosperidade, garantam aos seus compatriotas o formosíssimo dom da paz. Que, finalmente, Cristo inflame as vontades de todos os homens para deitar abaixo as barreiras que separam uns dos outros, para estreitar os vínculos da mútua caridade, para fomentar a compreensão recíproca, para perdoar, enfim, a quantos nos tenham ofendido. Deste modo, sob o seu auspício e amparo, todos os povos se abraçam como irmãos e floresça e reine sempre entre eles a tão ansiada paz». P. T. n.º 171.

Para terminar, esta passagem que resume, quantos pensamentos de João XXIII se aplicam a uma definição da paz: «Porque a paz não se pode verificar na sociedade se, primeiro, não se verifica no interior de cada homem, ou seja se primeiro não observa cada um em si mesmo a ordem que Deus estabeleceu. A este propósito, pergunta Santo Agostinho: A tua alma deseja ser capaz de vencer as paixões? Que se submeta ao que está acima e vencerá o que está abaixo. E se fará paz em ti: uma paz verdadeira, certa, ordenada. Qual é a ordem desta paz? Deus manda sobre a alma; alma sobre a carne. Não existe melhor ordem. (St. Augustini, Sermones post Maurinos reperti, pág. 633 — Miscelanea Augustiniana, Roma, 1930). P. T. n.º 165.

Resta-nos, finalmente, tentar uma definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima sob a orientação dos pensamentos de João XXIII:

A Paz é o bem universal conseguido pelo estabelecimento da ordem, restaurada pela Paixão e Morte de Cristo e realizada na verdade, justiça, amor e liberdade de todos os homens (penitência); e, porque é obra difícil que não se pode realizar sem o necessário auxílio do Céu, pedida (oração) «Àquele que com Seus dolorosos tormentos e com Sua Morte não só apagou os pecados (penitência), principal fonte de todas as divisões, misérias e desigualdades, mas também, além disso, ao derramar Seu Sangue, reconciliou o género humano com o Seu Pai Celeste, oferecendo-lhe os dons da Paz.

Sem pretender supor qualquer conexão entre as Encíclicas referidas neste sentido e as palavras que, em Fátima, o Papa João XXIII, ao tempo Cardeal Roncalli, proferiu em 13 de Maio de 1956, aqui se repetem: «Abençôa, ó Mãe, esta Tua nobre Nação Lusitana ... Abençôa toda a Europa, hoje mais do que nunca atormentada por profundas divisões entre aqueles que julgam poder edificar uma sociedade humana sem Cristo, Teu Filho, que é o Salvador do Mundo, o Caminho, a Verdade e a Vida, e aqueles que procuram permanecer fiéis às gloriosas tradições dos seus antepassados ...

«Senhora de Fátima, pela virtude do Teu Coração Imaculado, obtém-nos de Jesus bendito, fonte de todas as graças, a justiça, a caridade, a paz».

Predecessor de Paulo VI, na Cadeira de São Pedro, o Papa João XXIII, sendo ainda Cardeal, precedeu-o em Fátima a pedir à Rainha das Vitórias a vitória da Paz no Mundo.



PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50",

Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA-50"

Fatima - Portugal

En vente... l'édition Française de cet album commémoratif du pèlerinage de Paul VI à Fatima.

Adressez vos demandes à "FATIMA-50"

Fatima - Portugal

Ein Kunstvolles Album Zur Erinnerung an die Wallfahrt Paul VI. Ausgabe der Zentralkommission für das 50 jährige jubiläum.

Bestellungen an obige Kommission oder an die Verwaltung von "FATIMA-50"

Fatima - Portugal

Preço - Precio - Price - Prix - Preis: Esc. 150



O «PEREGRINO DOS ENFERMOS»

No mesmo dia em que na Basílica de Fátima se faziam orações especiais pelos que prestam serviços aos doentes (médicos e enfermeiros), estava na Cova da Iria um peregrino espanhol de 25 anos que reside em Valência, e que percorreu já cerca de 16 000 quilómetros, por penitência a favor de todos os que sofrem e que por isso mesmo se intitula «Peregrino dos enfermos». Este peregrino, abandonado

pela família 15 dias depois do seu nascimento, ficou cego e surdo-mudo e teve diversas enfermidades sujeitando-se a 19 operações, algumas das quais em Barcelona, tendo recuperado o uso da fala, da vista e do ouvido. O êxito destas operações atribuiu-o ele a intervenção divina já que desde criança tem fé viva e esperança de encontrar os seus pais. Em acção de graças pelos favores alcançados e para implorar as graças de Deus para todos os doentes encetou a peregrinação a todos os Santuários europeus, a pé, por penitência. Esteve em Lourdes, Roma Santiago de Compostela e agora em Fátima.

Ao passar por Leiria foi recebido pelo Prelado da Diocese.

Em Fátima esteve na Capela das Aparições a rezar fervorosamente. O reitor do Santuário após no seu livro de viagem o carimbo de Fátima a atestar a sua presença aqui. O seu grande desejo era ver a Irmã Lúcia, a vidente de Fátima.

PEREGRINAÇÃO JUGOSLAVA

A primeira peregrinação jugoslava chegada a Fátima era composta por oitenta pessoas, na sua maioria da Eslovénia. Presidia à peregrinação o Senhor Arcebispo de Lubiana, Mons. Jose Pogaenik.

Grupo dos peregrinos jugoslavos com o seu prelado.



Vieram desassete sacerdotes, treze do clero diocesano, párocos, e dois religiosos da Ordem dos Franciscanos Observantes e dois da Ordem dos Franciscanos Capuchinhos, párocos também em freguesias muito cristãs, como nos disseram, ao procurar estampas de Nossa Senhora de Fátima para levar como recordação aos seus paroquianos. Na peregrinação vinha um jovem vestido com os trajes típicos da região o que deixou uma marca de cor e de nacionalismo puro numa das mais livres praças internacionais do Mundo como é a Cova da Iria.

Os peregrinos jugoslavos viajaram de avião. Fizeram escala em Barcelona, onde foram orar diante da Imagem da Virgem na montanha de Montserrat. Pararam em Madrid e chegaram a Lisboa no dia 12, dirigindo-se imediatamente para Fátima onde chegaram à noite.

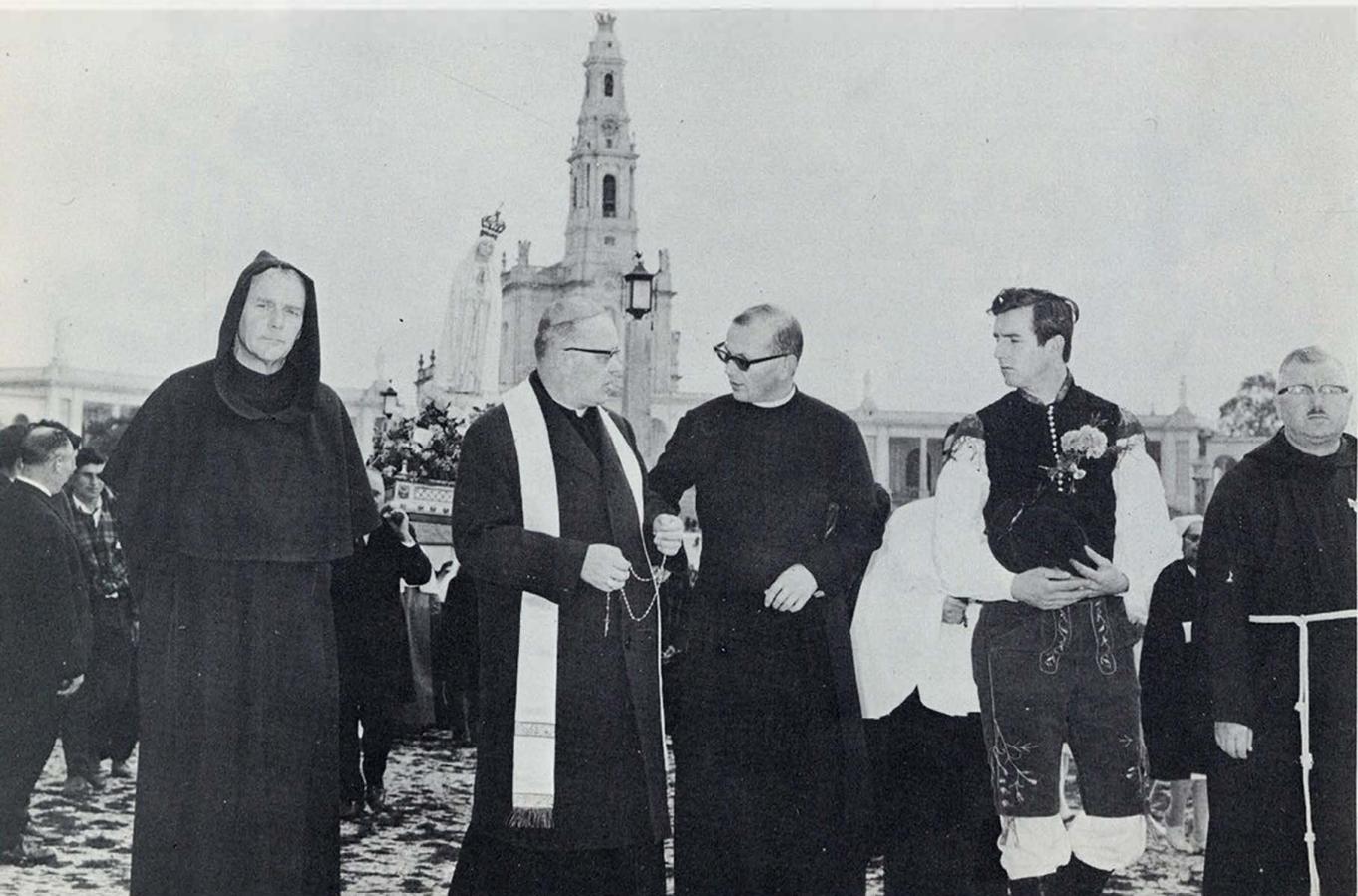
Ouviram, na Basílica, a missa celebrada pelo seu Arcebispo. No dia seguinte os 17 sacerdotes jugoslavos concelebraram. Todos os peregrinos assistiram às cerimónias do dia 13, tendo Mons. Jose Pogaenik dado a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes. Também dirigiu uma saudação, em português, ao fim das cerimónias e antes da procissão do «Adeus» na qual se incorporou com todos os seus compatriotas.

A nossa revista compraz-se em arquivar nas suas páginas algumas imagens desta primeira peregrinação nacional jugoslava e pede a Nossa Senhora de Fátima que abençõe aquele país e nele faça reinar sempre a liberdade cívica e religiosa, a paz e a prosperidade.

Na procissão do "Adeus", os mais representativos peregrinos jugoslavos, entre os quais um jovem vestido com os trajes típicos do país.



Mons. José Pogaenik lê a sua saudação aos peregrinos.



ESPECTÁCULO DE MARIONETAS

AUTO SACRAMENTAL: «MISTÉRIO DAS ALEGRIAS E DORES DE NOSSA SENHORA»

Não foi surpresa o facto de um grupo de jovens belgas de Gand ter vindo em peregrinação a Fátima e aqui ter apresentado, três vezes consecutivas, sempre com entusiástico aplauso de centenas de assistentes, um espectáculo de marionetas cujos cordelinhos elas manejavam. A surpresa foi a sublimidade do espectáculo. A palavra própria é sublime, para exprimir toda a beleza, forma, cor e luz e toda a arte—texto, locução e movimento—que envolveram os deliciosos bonecos vestidos com uma graça singular de pormenor e simbolismo para cada personagem e para cada cena segundo o mistério representado, de alegria ou dor.

Uma luminotécnica que se pode considerar impecável e atingiu o máximo de perfeição na incidência da luz, na intensidade da projecção segundo os casos, dando às imagens o relevo desejado pelo espectador—crítico mais exigente, tornaram o auto num verdadeiro espectáculo de luz.

Das coisas que mais nos impressionaram, além da simplicidade bela dos cenários estilizados e tamanho assás grande das marionetas que permitiam uma perfeita visão de qualquer ponto de uma grande sala de espectáculos, foram os trajos, corte e cor, dos personagens e a luz.

É caso para ficar imensamente gratos à Mocidade Portuguesa Feminina que até nós trouxe este grupo belga.

Bonecos, trajos e cenários são obra do «grande talento, tacto subtil e fé limpida de Bradi Barth, bem como da sua devoção a um trabalho exigentíssimo», segundo o crítico Samuel Stehman que não exagera no que diz.

Bradi Barth, pintora e escultora, suíça de origem e fixada na Bélgica, trabalhou durante quatro anos para realizar esta representação mariana.

O texto, inteiramente apoiado na Sagrada Escritura, é poema altamente lírico, «adequado e justo, sem ser afectado nem rebuscadamente literário», como diz o mesmo crítico Samuel Stehman, de Betty Hanet. As figuras são movimentadas por um grupo de jovens de Gand, a «Équipe de Notre Dame de la Belle Verrière», como já dissémos, e as vozes são dos «Companheiros de Saint Lambert», de Liège.

A realizadora e autora das marionetas esteve presente e recebeu os merecidíssimos aplausos quentes do público, bem como muitos ramos de flores.

Transcrevemos, por nos parecerem muito justas, algumas palavras do já referido crítico Samuel Stehman:

«Não há nada mais encantador do que um teatro de marionetas — é ponto assente para todas as pessoas que têm bom gosto e conservam ainda um pouco de frescura da infância. Mas representar com marionetas um drama religioso, quase uma liturgia, representar Cristo e a Virgem com bonecos de pau movidos por cordelinhos ... é, na verdade, um designio surpreendente. Vi a apresentação do **Mistério das alegrias e dores de Nossa Senhora**, e não o achei encantador: achei-o admirável como só a grande Arte pode ser, e impressionante como todas as coisas que trazem a marca inconfundível do sagrado».

O crítico não pôde exprimir completamente os sentimentos que lhe invadiram o espirito, faltam-lhe as palavras adequadas, tal como nós faltam a nós. Quem podê dizer o que foi uma visão do Paraíso, por

exemplo? Isso aconteceu a S. Paulo, salvo as devidas distâncias, e acontece a quem presencia este espectáculo maravilhoso. Esta pequena e modesta apresentação do auto outra coisa não diz: nem sequer os autores se dão conta da sublimidade da sua obra:

«Quereis, Senhores, colaborar
Neste esforço singular
— Tão novo, apesar de velho —
De reviver o Evangelho?
Não nos sobeja talento
Mas fiéis ao nosso intento
De honrar a Virgem Maria,
Demos, com grande alegria,
Aos bonecos que aqui estão
Alma, vida e coração.

Mas se esta nossa vontade
Não bastar, tende a bondade,
Senhores, de nos emprestar
As vossas almas — e assim,
Com fraterna simpatia,
Tereis compensado, enfim,
A falta que em nós havia.



O auto das ALEGRIAS E DORES DE NOSSA SENHORA desenrola-se deste modo, num prólogo e desasseis quadros: apresentação da promessa de Deus, ao princípio, após a queda dos nossos primeiros pais, de nos dar um Salvador através de uma Mulher que esmagaria a cabeça da serpente. Seguem-se os quadros da infância de Jesus, precedidos por dois que representam a Anunciação do Anjo à Virgem Maria e a visita desta a sua prima Isabel. Pormenores delicados da vida caseira de uma senhora, como os que nestes quadros nos são oferecidos, só poderiam ter sido criados pelo génio de Bradi Barth. Seguem-se, sucessivamente, o anúncio do Nascimento de Jesus aos pastores, a adoração do Menino por parte destes. No quadro do presépio revela-se toda a ternura de uma alma cheia de fé e de poesia. Após a Adoração dos Magos e a Apresentação do Menino Jesus no Templo, segue-se um quadro representando a perda e encontro de Jesus, menino, no Templo de Jerusalém. Aqui se revela uma notável inspiração de profunda psicologia que transporta a cena evangélica de há vinte séculos aos nossos dias ou a todos os tempos, se assim se preferir, penetrando no sentimento das crianças. O quadro apresenta-nos uma praça onde saltimbancos fazem as delícias dos esporádicos assistentes. Ora, é precisamente ali onde a Virgem e S. José vão procurar o Filho. Certo, Jesus estava não ali mas no Templo e dele sai, por uma escada que dá para a praça e vai ao encontro de Seus pais. Se outro valor não tivesse o auto para ser classificado de óptimo, este era suficiente. Mas há mais, mesmo nesta primeira parte em que se assiste à vida de trabalho humilde e caridade familiar de Nazaré e à emotiva despedida de Jesus de Sua Mãe ao iniciar a vida pública.

A segunda parte é preenchida com as seguintes cenas: Bodas em Caná da Galileia, Visita dos Disci-

pulos a Maria, Subida para o Calvário, Morte na Cruz, Piedade, Dormição da Virgem, Coroação de Nossa Senhora.

Nota especial para os quadros da Morte de Cristo e Piedade da Virgem. A triangulação, relevo e luminosidade das imagens é de tal qualidade que nos parece estar a ver pessoas reais e não bonecos de madeira, muito bem vestidos, é certo, mas nada mais do que bonecos. A expressão de Cristo, o arfar do Seu peito, a entoação de voz, tudo é perfeito. E que dizer da Piedade? Conhecemos a Piedade de Miguel Ângelo. Vimo-la no seu lugar, em Roma, e vimo-la em Nova Lorque, no Pavilhão do Vaticano, na Feira Internacional. Na América do Norte foi exposta sobre um cenário e sob uma luz de efeitos especiais que lhe emprestavam um relevo e uma cor diferentes do que se observa ao natural, não discutimos se melhor ou pior, mas muito ao gosto dos Americanos e, sem dúvida, tornando a obra de arte muito acessível ao vulgo não especializado em escultura. Pois bem, no auto, a profundidade conseguida com um cenário muito mais simples, o relevo dado pela luz incidente eram muito mais acentuados do que os conseguidos em Nova Lorque.

A representação, depois de nos mostrar a Dormição da Virgem, num cenário encantador de rusticidade artística, acaba com a glorificação da Virgem no Céu, uma cena toda feita de luz que deslumbra e deixa nos espectadores uma tristeza grande por ver chegado o fim

As representações realizaram-se no salão de cinema do Seminário dos Padres do Verbo Divino que gentilmente o cederam para o efeito. Foram três, uma no dia 12 e duas no dia 13 de Março. A vasta sala esteve sempre completamente cheia de um público cada vez mais interessado.

RENOVAMOS A CADA DIA
A NOSSA TRADIÇÃO
DE BONS SERVIÇOS



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — R. Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20133
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Tel. 370021



**AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES
EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR**

Interessa-lhe saber que:

Com este número completamos o primeiro ano de publicação.

Renove já a sua assinatura para o próximo ano que se inicia em Maio com o n.º 13, número especial.

Não perca o n.º 13 de «FÁTIMA-50» e recomende aos seus amigos que o adquiram.

Se, porventura, ainda não pagou a assinatura do ano que termina agora, faça-o quanto antes. A Administração da revista não lhe pergunta o motivo do atraso — não precisa de escrever a desculpar-se — mas fica-lhe muito grata pela prontidão do pagamento.

Temos uma surpresa para si:

Um belo e original estojo para guardar a sua colecção. Não precisa de cortar, coser ou colar as revistas. Guardam-se e tiram-se à vontade. Preço: 40\$00

A melhor recordação do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima é uma colecção dos 12 primeiros números de «FÁTIMA-50»: História, Crónica, Ilustração.

Compre-a para si. Ofereça aos amigos.
Preço: 100\$00. Com capas: 140\$00



Paulo VI pronunciando a sua homília em Fátima.

O SUPOSTO SILÊNCIO DE PAULO VI EM FÁTIMA

CÓN. BARTHAS

Certos publicistas, na sua maioria desconhecedores dos acontecimentos de Fátima e, sobretudo, da sua significação espiritual, sublinharam, tendenciosamente, o facto de Paulo VI, na sua alocução em Fátima, no dia 13 de Maio de 1967, não ter falado explicitamente das aparições que estão na origem da peregrinação, nem da Mensagem que Nossa Senhora ali nos transmitiu. Daí concluíram que o Soberano Pontífice não tem qualquer desejo de ver os cristãos aceitarem a realidade das Aparições de Maria aos pastorinhos ou de as tomarem em consideração na sua vida religiosa.

NÃO, PAULO VI NÃO ESQUECEU AS APARIÇÕES

Releia-se a breve homília que o Papa pronunciou durante a missa que celebrou naquele antigo terreno de António dos Santos onde se desenrolaram, em 1917, os seis encontros da Virgem com os pequenos videntes e os sinais atmosféricos que os acompanharam.

Para já, o mero facto dele ter ido lá como peregrino e ter falado da Virgem supõe claramente que ele aceita o facto e a mensagem. Por outra parte, desde o primeiro parágrafo da sua alocução, explica o sentimento de que está possuído, ou seja: «o desejo de honrar a Santíssima Virgem Maria neste Santuário bendito onde hoje se celebra o quinquagésimo aniversário das aparições e o vigésimo quinto da consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria».

Não serão suficientes estas poucas palavras para mostrar como Paulo VI recorda com prazer as manifestações marianas sobre a azinheira bem assim como as ulteriores aparições à Irmã Lúcia, aparições que decidiram Pio XII a consagrar o Mundo ao Imaculado Coração?

O conjunto da alocução do Papa incide sobre a principal obsessão do seu Pontificado: a paz do Mundo. Mas, não foi este, também, um dos grandes objectivos da Virgem que tanto recomendou aos Seus confidentes que rezassem pela paz? Não correspondia a Sua primeira aparição à angústia de Bento XV que, oito dias antes, tinha pedido para A invocarem como Rainha da Paz? Não é, porventura, sob este título que Pio XII coroa, por meio de um Cardeal-Legado, em 13 de Maio de 1946, a Imagem da Capelinha?

Quando o Santo Padre grita: «Nós vo-lo dizemos: o Mundo está em perigo; Nós viémos aos pés da Rainha da Paz», não se faz ele eco do «grito lancinante de Mãe» que Maria lança ao Mundo em perigo, segundo a expressão do Cardeal Cerejeira ao definir a Mensagem de Fátima?

Enfim, Paulo VI, ao terminar, faz a promessa de sempre se haver de inspirar na recomendação que a Virgem nos repete em Fátima, a da oração e da penitência.

JÁ ANTES PAULO VI TINHA MANIFESTADO CLARAMENTE O SEU PENSAMENTO

Fizera-o na sua alocução durante a audiência geral do dia 3 de Maio, vigília da Ascensão, durante a qual ele dá aos seus ouvintes as primícias da notícia da sua peregrinação.

Depois de ter explicado muito bem a sua intenção de rezar pela «paz na Igreja e no Mundo», diz que, sem perder em absoluto a sua confiança nos homens, queria fazer um apelo a outra «causalidade superior que nunca se cansa e nunca se aparta de nós», a Onnipotência Divina. «Nós recorreremos, disse ele ao terminar, Aquela que, para a salvação do Mundo moderno, novamente mostrou o Seu rosto maternal, doce e radioso, às crianças, aos pobres, e recomendou como remédios soberanos a oração e a penitência». Não é isto uma recordação evidente das aparições e da mensagem de Fátima?

Mesmo que, durante este discurso, o Papa não tivesse feito qualquer alusão aos acontecimentos e à mensagem de Fátima, poder-se-ia concluir deste silêncio ocasional, por uma desaprovação? Seria uma contradição com todo o passado do seu pontificado. O sucessor de João XXIII jamais ocultou a sua admiração por S. S. Pio XII de quem foi, durante muitos anos, íntimo colaborador, nem a sua fidelidade à recordação daquele que se proclamou «O Papa de Fátima» e que disse também: «Para Fátima, o tempo da dúvida passou; é tempo de passar à acção».

Com efeito, em 1963 Paulo VI ofereceu à Irmã Lúcia um rico terço, designou, por diversas vezes, um Cardeal-Legado para presidir às grandes solenidades do santuário português, quis honrar este santuário com a oferta da Rosa de Ouro e quis, em

plena assembleia conciliar, renovar a consagração da Igreja e do género humano ao Imaculado Coração, feita, por Pio XII «não sem uma inspiração do Alto» (21/11/64).

Sobretudo a importante homilia dirigida aos católicos, Paulo VI não tinha necessidade de a pronunciar perante o universo radiofónico e telespectador, porque ele já tinha escrito em Roma aquela magnífica exortação intitulada «Signum Magnum» que assinou na mesma manhã e leva a data do dia do Cinquentário, 13 de Maio de 1967.

O Santo Padre, na altura da sua peregrinação, ensina-nos qual é a verdadeira devoção a Maria e, para que nós a pratiquemos melhor, convida «todos os filhos da Igreja a renovar a sua consagração pessoal ao Imaculado Coração da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à vontade divina».

Haverá um modo mais directo de recomendar o ponto mais essencial da mensagem de Fátima, a sua «novidade», a devoção ao Imaculado Coração de Maria?

DA PALAVRA AO GESTO

O Papa veio também a Fátima para recomendar aos católicos a necessidade de permanecerem unidos uns aos outros (e, consequentemente, à Sé de Pedro), e para repetir aos responsáveis das Nações a necessidade e as condições da paz. O tempo empregado para explicar esta dupla intenção não terá sido suficiente para exercitar a corajosa paciência de dois milhões de peregrinos que, depois de muitas horas (ou até dias) de caminho a pé, passaram a noite em oração debaixo de um céu húmido e esperou, de pé, na esplanada (naquele dia debaixo de chuva) durante muitas horas a chegada do Augusto Peregrino? (A chuva parou no momento em que o Papa pisou terra portuguesa e brilhou um bom sol até ao momento final das cerimónias na Cova da Iria).

Além disso o Santo Padre tinha sido avisado de que o simples anúncio da sua peregrinação suscitara em certos meios católicos mas refractários (porquê?) a Fátima, aquilo que, em termos parlamentares se chama «diversos movimentos», tendo alguns tentado até ditar-lhe o que ele, o Papa, haveria de dizer no caso de persistir no seu perigoso designio (artigos de *Le Monde* e *Le Figaro*). — Paulo VI tinha, certamente, ouvido contar como, num dia semelhante,

um Cardeal Legado de Pio XII foi abordado pelo bondoso Dom José da Silva que lhe rogou, cheio de pena pela multidão imensa de peregrinos, não continuasse o seu discurso e o entregasse aos jornais, pois estava a falar há 55 minutos.

O facto das aparições de 1917 era estranho às preocupações de um «simples peregrino» que professa a sua fé e a sua confiança mais por actos do que por palavras? Porque terá Paulo VI feito uma tão longa declaração a favor da história de Fátima em vez da sua peregrinação? Não se arriscaria, uma vez que ninguém a isso o obrigava, a provocar a queixa de ter abusado da sua autoridade dogmática para impôr a fé numa revelação privada?

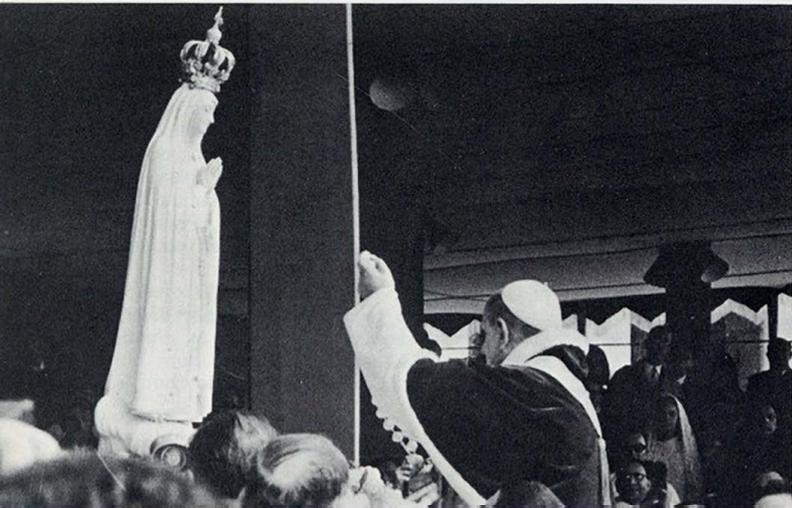
As críticas e admoestações irrespeituosas, ele respondeu muito simplesmente fazendo aquilo que tinha anunciado e tal como o tinha anunciado. Como bom psicólogo, opôs às palavras que voam (verba volant) a acção que deixa profunda marca. As mais claras palavras podem facilmente ser interpretadas e hábilmente ser desviadas do seu óbvio sentido. Os gestos não provocam a mesma tentação, e, portanto, podem ser mais significativos de que as explicações verbais. As observações tendenciosas de certa imprensa impressionaram muito menos a opinião mundial do que a simplicidade do piedoso peregrino que, ao partir do Vaticano, afirmava uma vez mais, claramente, as suas piedosas intenções.

Aquele grande gesto papal de tomar um avião para se ir juntar, durante algumas horas, à inumerável multidão de peregrinos da Virgem, foi acompanhado por outros gestos tão eloquentes que é impossível desfigurar-lhes o sentido; o número daqueles que os compreenderam e admiraram é infinitamente superior ao daqueles que os criticaram.

AS OFERTAS ROMANAS

Paulo VI não chegou a Fátima com as mãos vazias; levou presentes. As testemunhas puderam admirar uma bela cruz peitoral de estilo bizantino sobre a qual cinco rubis representam as cinco chagas do Crucificado. Era, para o Bispo responsável pelo Santuário, Mons. João Pereira Venâncio, um encorajamento ao seu zelo em espalhar a Mensagem da Virgem de Fátima.

Levou também um grande e belo terço. Condena-se na devoção mariana, sobretudo na de Lourdes e Fátima, o facto de dar demasiada importância ao Rosário ou ao Terço. A confirmar certas atitudes, não está a verificar-se na Igreja uma espécie de movimento clandestino que pretende arrancar o terço das últimas mãos que ainda o seguram? Tal como os Papas precedentes, Paulo VI não perde nenhuma oportunidade de pregar o Terço; fê-lo muitas vezes e com insistência, sobretudo na sua Encíclica *Christi Matris Rosarii*, de 15 de Setembro de 1966. Naquele 13 de Maio, em Fátima, teria podido pronunciar uma nova alocução sobre a utilidade desta devoção, no próprio lugar onde Maria se proclamou Rainha do Rosário. Mais eloquente do que qualquer discurso foi o gesto do Vigário de Cristo querendo ele próprio colocar o Terço levado de Roma sobre as mãos postas da Virgem. Não tendo podido fazê-lo e urgindo o tempo, contentou-se com colocá-lo ao redor da base da imagem. (N. T. — Sabemos que é vontade expressa de Paulo VI que o Terço por ele oferecido à imagem de Nossa Senhora de Fátima venerada na





Capelina das Aparições esteja sempre pendente das mãos da Venerável Imagem, vontade plenamente satisfeita como se pode comprovar).

Um gesto não se discute; ou se compreende o seu sentido ou não se compreende. O gesto de Paulo VI foi compreendido por quantos estavam preparados para o compreender e pode-se pensar, seguramente, que foi a maioria do povo cristão.

Em 1917 a Senhora de Luz pousou sobre a azinheira com um Terço no braço direito. Seis vezes recomendou aos Seus pequenos confidentes que o rezassem todos os dias e eles entregaram-se imediatamente a espalhar este costume à sua volta. O gesto do Papa recordou-nos tudo isto e encorajou-nos a seguir o exemplo dos pastorinhos. Sem pronunciar uma palavra, o Papa disse-nos: «Aqui mesmo, há cinquenta anos, a Mãe de Deus, com um terço na mão, insistiu para que nós o usássemos todos os dias. Como os pastorinhos, recitêmo-lo todos os dias para obter a paz do Mundo, pela conversão dos pecadores. Peço-vo-lo em Seu nome, eu, Paulo VI, Vigário do Seu Filho».

O MAIS CLARO GESTO: A APRESENTAÇÃO DA IRMÃ LÚCIA

O pensamento profundo do Santo Padre foi-nos revelado por um gesto bem mais deliberado e mais premeditado do que a oferta do Terço. Não foi em virtude de uma autorização que a Irmã Lúcia do Imaculado Coração deixou a clausura para ir a Fátima no dia 13 de Maio, antes ela foi obrigada por uma ordem expressa do Santo Padre. Quando a Madre Priora lhe transmitiu, da parte do Senhor Bispo de Coimbra, ela respondeu que se fosse apenas um desejo e não uma ordem, preferia ficar no Mosteiro. A Madre teve de telefonar ao Senhor Bispo e Lúcia ouviu que a Nunciatura tinha falado de uma ordem. Pediu que se telefonasse ao Senhor Núncio, para Lisboa, e escutou-o também explicar-lhe que se tratava de uma vontade formal de Paulo VI. Isto é,

peelo menos, o que me garantiram segundo fontes bem informadas.

Porque é que o Papa quis que a carmelita fizesse esta peregrinação com ele senão porque tinha a intenção firme de ver ao pé do altar, ao seu lado e de poder apresentar à enorme multidão que se juntara a pequena vidente de 1917? Desta maneira ele afirmaria, melhor do que por meio de um discurso, a sua confiança pessoal nas aparições de que ela é ainda a fiel testemunha viva. Esta confiança não excluía, longe disso, as outras revelações recebidas por Lúcia durante a sua vida religiosa, particularmente aquelas que Pio XII e Paulo VI tiveram em conta para a consagração da Rússia.

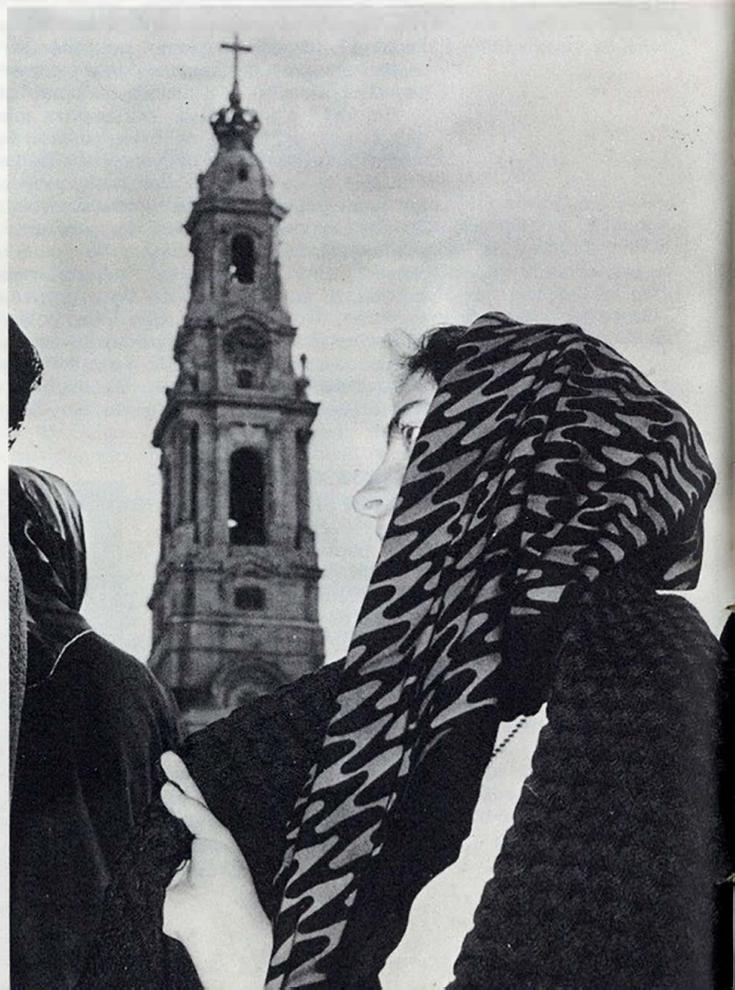
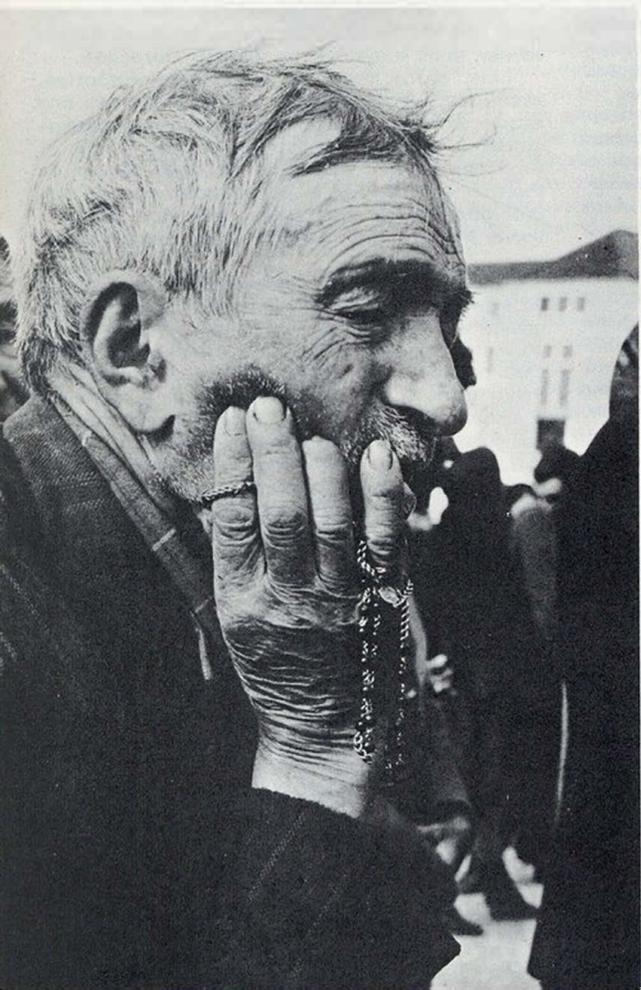
E tomando a religiosa pela mão e apresentando-a à multidão dos presentes e dos telespectadores, o Papa disse sem mover os lábios — e quem o não compreendeu? —: «Há meio século, tal dia como hoje, esta humilde carmelita guardava aqui, num terreno de seu pai, juntamente com seus primos Francisco e Jacinta, um rebanho de ovelhas, quando a Rainha do Céu lhes apareceu sobre uma pequena azinheira. Arrebatados pela beleza da Virgem e pelo esplendor da Sua bondade, e entusiasmados por uma sensação da presença divina que os recompensava pela sua generosa promessa de sacrifício, na segunda visita eles suplicaram à Celeste Aparição que os levasse com Ela para o Céu. Só os dois mais pequenos foram ouvidos e morreram antes de fazerem onze anos. Esta aceitou ficar mais tempo cá em baixo para nos recordar a mensagem que ela recebeu de Nossa Senhora e para tornar mais amado o Imaculado Coração».

«Eis, caros filhos, a mensagem autêntica, escolhida por Nossa Senhora para que não nos esqueçamos do que Ela espera de nós para A ajudar a salvar o Mundo actual. Ela, Lúcia, já fez, para isso, o sacrifício de meio século de Paraíso e continua a sua missão apesar das incompreensões do mundo. Vós que amais a vossa Mãe do Céu, escutai a Sua mensageira».

Ter-se-á acentuado suficientemente tudo o que de excepcional, de único, há neste gesto do nosso grande e bendito Soberano Pontífice? Conhece-se, porventura na história da mística cristã qualquer outro caso de uma alma privilegiada que o Sucessor de Pedro tenha tirado ao seu silêncio para a apontar à atenção do povo cristão? Houve santos e santas aos quais os papas consultaram e de quem escutaram avisos, como uma Santa Catarina de Sena. Mas não creio que possa encontrar-se, nos vinte séculos volvidos sobre o Evangelho, um exemplo tão assombroso de confiança do Vigário de Cristo numa revelação privada.

Poderá ter havido um discurso tão eloquente que ultrapassasse o impacto e a eficácia do gesto de Paulo VI? Gestos que me parece terem sido providencialmente queridos para chamar a atenção da nossa geração e das gerações vindouras sobre a mensagem que salvará o género humano da guerra atómica, se for obedecida.

**ATENÇÃO AOS AVISOS DA
PÁGINA 12. LEIA-OS. INTE-
RESSAM-LHE.**



PEREGRINAÇÕES

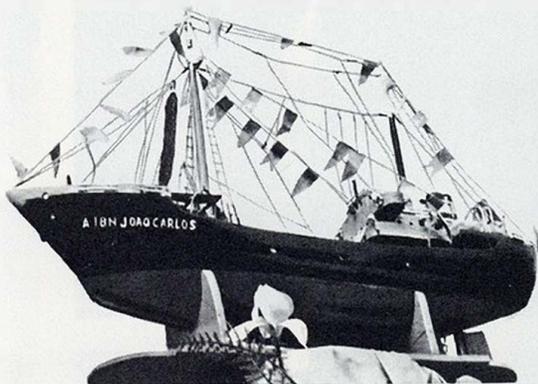
13 DE MARÇO

A peregrinação de Março pode ser considerada como a primeira peregrinação internacional de 1968. Por via dos numerosos e sobretudo representativos grupos de peregrinos estrangeiros presentes, como o dos jugoslavos, 80, presidido pelo senhor Arcebispo de Lubiana, Mons. José Pogaenik, ou de Gand, Bélgica, que trouxe a Fátima o encanto de um auto sacramental representado por marionetas.

Entre os peregrinos nacionais distinguiram-se os numerosos grupos de marítimos, pescadores e trabalhadores da Marinha Mercante vindos, com suas famílias, de diversos centros piscatórios do País, nomeadamente de Lisboa, Peniche, Nazaré, Aveiro, Murtosa, Buarcos, etc. A peregrinação dos marítimos foi organizada pela Obra Apostolado do Mar. Vieram a Fátima pedir a Nossa Senhora a Sua especial bênção e protecção para a próxima faina da pesca do bacalhau e outras fainas do mar. Acompanharam-nos dirigentes e assistentes religiosos da Obra.

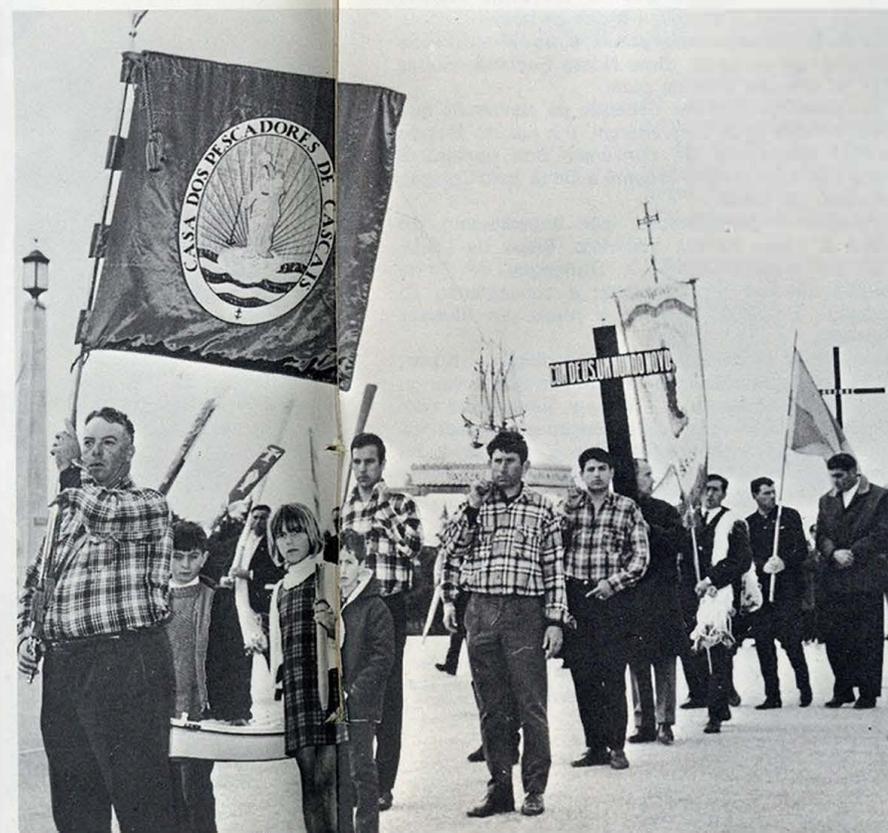
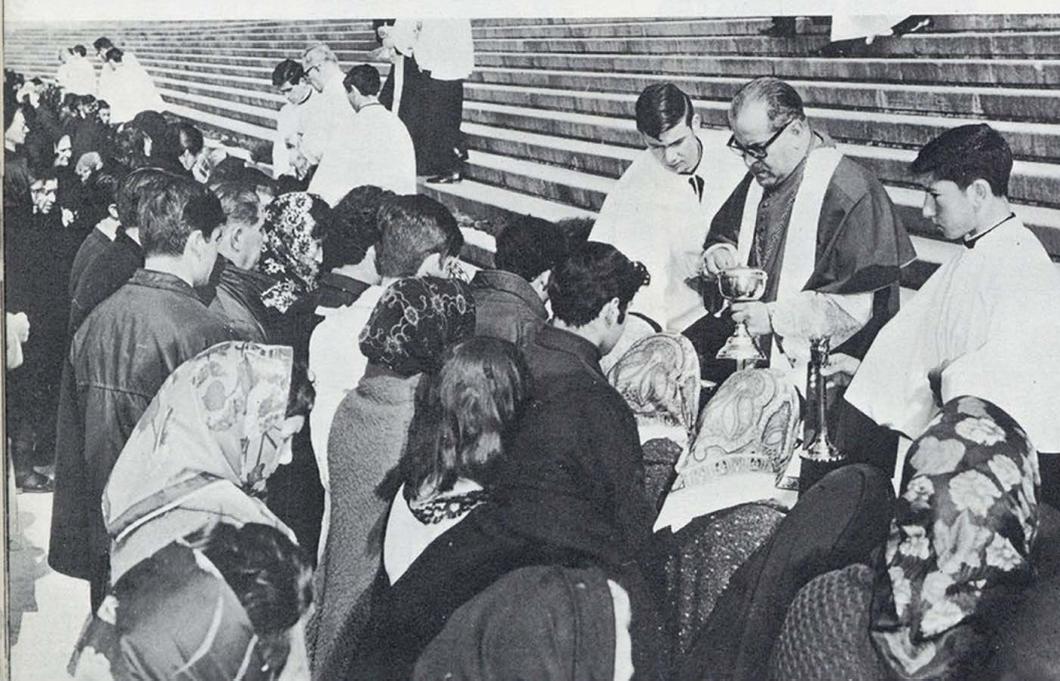
Estiveram também, em grande número, quase a totalidade, os Servitas de Nossa Senhora de Fátima, homens e senhoras, que nesse dia acabaram o seu retiro anual, pregado pelo Revdo. Pe. Raimundo de Oliveira, da Ordem dos Pregadores. Antes, em Assembleia Geral, o director da Pia União dos Servitas entregou emblemas de ouro aos membros mais antigos, de entre os quais estavam presentes o sr. dr. Pereira Gens que, desde 1926 dirige o Hospital do Santuário e a Exma. sra. D. Celeste Alvázer que igualmente dirige a Secção Feminina há muitos anos.

Diversos aspectos de peregrinos do mar e seus ex-votos.





As piedosas e várias peregrinações de 13 de Março marcaram o Santuário como Primavera de Esperança e Fé.





O senhor Arcebispo de Lubiana, Jugoslávia, dá a bênção aos doentes.



As cerimónias da peregrinação, como o tempo o permitia, foram celebradas na praça. A missa, celebrada no altar exterior da Basílica, foi oficiada pelo Revdo. Pe. Justino Magalhães, capelão do navio de apoio à frota pesqueira, «Gil Eanes». Junto ao altar viam-se diversos apetrechos de pesca, como redes, remos, boias e ainda belíssimas miniaturas de barcos e traineiras. Ao Evangelho, o Revdo. Pe. Dâmaso Lamberts, recordou aos peregrinos a necessidade de cumprirem a mensagem que há cinquenta anos a Mãe de Deus aqui dirigiu a todos os homens, como remédio de salvação das almas e do Mundo. «Se fizerem o que eu peço, disse Nossa Senhora, muitas almas se salvarão e teris paz».

A salvação das almas depende da penitência que façam, ou seja se se converterem. E a paz do Mundo depende igualmente da conversão dos homens à justiça e de uma súplica ardente a Deus, pelo Coração Imaculado de Maria.

Presidiu à peregrinação, por impedimento do Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, o Senhor Bispo Auxiliar D. Domingos de Pinho Brandão que, ao final, renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e rezou por diversas intenções.

O Senhor Arcebispo de Lubiana dirigiu, em português, uma saudação aos peregrinos a quem exortou a praticar a Mensagem de Fátima e, juntamente com o Senhor D. Domingos deu a bênção aos peregrinos e objectos religiosos. O Arcebispo jugoslavo foi quem deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Na procissão final incorporaram-se todos os peregrinos estrangeiros e nacionais presentes, dando-lhe carácter os símbolos e ex-votos dos pescadores.

Lenços e lágrimas num adeus sempre comovedor:

JACINTA MARTO

FALECEU HÁ 48 ANOS



Beatificação dos Videntes, Rev. Pe. Luis Kondor, S. V. D., Capelães do Santuário e Pároco de Fátima.

A assistência, numerosa, era constituída principalmente por jovens e crianças conterrâneas da pequena Jacinta a quem o celebrante, na altura do Evangelho, recordou o exemplo da pastorinha de Aljustrel no seu amor a Nossa Senhora e no seu sofrimento e oração para cumprir a mensagem da Celeste Mãe. Muitos parentes de Francisco e Jacinta assistiram também às comemorações. Centenas de participantes comungaram.

O celebrante pediu orações especiais, por intermédio da serva de Deus, para a cura do Revdmo. Snr. Cônego José Galamba de Oliveira, grande divulgador da Mensagem de Fátima e da vida da Jacinta, sobretudo num admirável livro, infelizmente esgotado, «Jacinta, a Florinha de Fátima».

No dia 20 de Fevereiro passado comemorou-se, na Cova da Iria, mais um aniversário do falecimento da pequena vidente de Nossa Senhora, Jacinta Marto.

Na Basílica foi celebrada a Missa pelo Rev. Côn. Carlos de Azevedo, Secretário particular do Senhor Bispo de Leiria e em sua representação. Junto do altar-mor assistiram o Postulador das Causas de



As crianças participaram com fervor e entusiasmo próprios da sua idade, na comemoração do falecimento de Jacinta. Receberam pequenos livrinhos com a biografia da vidente de Nossa Senhora



Baixo relevo do altar da "Ressurreição" na Basílica de Fátima

O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

O ANJO COMUNICA A RESSURREIÇÃO

«E passado o Sábado, Maria Madalena, Maria a de Tiago e Salomé compraram perfumes para ir ungi-lo. E muito de madrugada, no primeiro dia da semana, vêm ao monumento, já o sol tinha nascido. (?) E diziam umas às outras: Quem nos há-de correr a lousa da entrada do sepulcro?»

Marc. 16, 1-3

A RESSURREIÇÃO

«De repente produz-se um grande tremor de terra, pois um Anjo do Senhor, baixando do céu e aproximando-se, fez rodar a pedra do seu sítio, e sentou-se nela. O seu aspecto era como o do relâmpago e a sua veste branca como a neve. Os guardas começaram a tremer, com medo, e ficaram como mortos.»

Mat. 28, 2-4

A GUARDA DO SEPULCRO

«Ao dia seguinte da Parasceve, reunidos os sumos sacerdotes e os fariseus, apresentaram-se a Pilatos, dizendo: «Senhor, lembramo-nos que aquele impostor, quando vivia, disse: «Depois de três dias ressuscito». Ordena, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, não suceda que, vindo os Seus discípulos, O furem e digam ao povo: «Ressuscitou dos mortos, e será este último engano pior do que o primeiro». — Pilatos disse-lhes: «Ai tendes a guarda; ide e guardai-o como pretendes». — Eles foram e defenderam bem o sepulcro, depois de selar a pedra da boca, colocando a guarda». (1)

Mat. 27, 62-66

«E as mulheres, olhando atentamente, observaram que a pedra tinha sido corrida para um lado; porque era sumamente grande. E entrando no monumento, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma comprida roupagem branca, e ficaram espantadas.

Ele disse-lhes: «Não vos espanteis. Procurais Jesus, o Nazareno, o Crucificado; ressuscitou, não está aqui. Vêde o lugar onde O colocaram. Mas ide, dizei aos Seus discípulos e a Pedro (3), que Ele vai, adiante de vós, à Galileia; ali O vereis, conforme vos disse».

E saindo, fugiram do monumento, pois se tinha apoderado delas tremor e pasmo, e a ninguém disseram nada, porque tinham medo» (4).

Marc. 16, 4-8

PRIMEIRA APARIÇÃO AS MULHERES E SUBORNO DA GUARDA

«De repente saiu-lhes Jesus ao encontro, dizendo-lhes: «Guarde-vos Deus!» — Elas, aproximando-se, abraçaram-se-Lhe aos pés e adoraram-n'O. Então Jesus disse-lhes: «Não temais: ide, anunciai aos meus irmãos que vão à Galileia, e ali me verão». Enquanto as mulheres iam, eis que alguns da guarda vieram à cidade e deram noticia aos sumos sacerdotes de tudo quanto havia acontecido. Eles, reunidos com os anciãos, e havido conselho, deram uma boa soma de dinheiro aos soldados, dizendo-lhes: Dizei que «vieram os Seus discípulos de noite e furtaram-n'O enquanto nós dormíamos».

E se isto chegar aos ouvidos do Governador, nós o granjearemos e faremos que ninguém vos incomode. — Eles, pegando no dinheiro, fizeram conforme as instruções recebidas. E este boato espalhou-se entre os judeus até ao dia de hoje» (5). *Mat. 28, 9-15*

PEDRO E JOÃO VÃO AO SEPULCRO

«Maria Madalena, ao ver o sepulcro vazio, foi a correr ter com Simão Pedro e o outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: «Levaram o Senhor do monumento e não sabemos onde O puseram».

Saiu, então, Pedro e com ele o outro discípulo e dirigiram-se ao sepulcro. E corriam os dois a par; mas o outro discípulo, como corria mais depressa que Pedro, passou-lhe à frente, e chegou primeiro ao sepulcro; e tendo-se agachado, viu os panos no chão; contudo, não entrou. Chegou então Simão Pedro também, atrás dele, e entrou no sepulcro e contemplou os panos no chão e ademais o sudário, que tinha estado sobre a Sua cabeça, não no chão como os panos, mas dobrado num lugar aparte (6). Então, pois, entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao sepulcro, e viu e acreditou; porque todavia não conheciam a Escritura. «que devia ressuscitar dos mortos». Voltaram, então, os discípulos à casa onde estavam instalados». *João, 20, 1-10* — «Admirando-se do acontecido». *Luc. 24, 12*

APARIÇÃO A MARIA MADALENA

«Maria estava de pé, junto ao sepulcro, cá fora, a chorar. E assim chorando, inclinou-se para olhar para dentro do sepulcro, e vê dois Anjos com vestes brancas, sentados um à cabeceira e outro aos pés do sitio onde tinha sido posto o corpo de Jesus. E dizem-lhe eles: «Mulher, por que choras?» — Respondeu-lhes: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram». — Logo que disse isto, voltou-se para trás e viu Jesus de pé, e não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: «Mulher, por que estás a chorar? A quem procuras?» — Ela, imaginando que era o hortelão, disse-lhe: «Senhor, se tu O levaste, diz-me onde O puseste e eu O irei buscar» (7). — Disse-lhe Jesus: «Maria!» — Ela, voltando-se para ele, disse-Lhe em hebreu: «Robboni!», que quer dizer «Mestre!» — Jesus disse-lhe: «Deixa-me — que ainda não subi ao Pai — e vai ter com meus irmãos e diz-lhes: «Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus» (8). — Maria Madalena foi dar a nova aos discípulos: «Vi o Senhor e disse-me isto assim, assim». *João, 20, 11-18*

APARIÇÕES AOS DISCÍPULOS

«E eles, ouvindo dizer que vivia e que tinha sido visto por ela, não a acreditavam. Depois disto, a dois deles que iam de caminho, apareceu em diferente figura, enquanto iam para o cam-

po. (Emaús, *Luc. 24, 13*) Também eles foram dar a nova aos outros; e nem nestes acreditaram». *Marc. 16, 11-13*

«Estando estes a falar nestas coisas, Ele apresentou-se no meio deles e disse-lhes: «A paz seja convosco». Sobressaltados e espavoridos, criam estar a ver um espírito (9). E disse-lhes: «Por que estais perturbados? E porque não acaba esse vai vêm de pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e reparaí que um espírito não tem carne e ossos, como vedes que eu tenho». E dizendo isto mostrou-lhes as mãos e os pés. Como nem assim acabassem por crer, de puro gozo, nem saíssem do seu assombro, disse-lhes: «Tendes aqui alguma coisa que se coma?» — Eles apresentaram-Lhe parte de um peixe assado; e pegando nele, na presença deles, comeu-o. E disse-lhes: «Estas são as palavras que vos dirigi estando ainda convosco: que deviam cumprir-se todas as coisas escritas na lei de Moisés e nos Profetas e Salmos a respeito de mim». Então abriu-lhes a inteligência para que entendessem as Escrituras» (10). *Luc. 24, 36-45*

«Obrou, ainda, Jesus na presença de Seus discípulos, outros muitos malignes, que não foram escritos neste livro. E estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que acreditando tenhais a vida em Seu Nome». *João, 20, 30-31*

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

É o mistério da morte dominada e vencida; da morte aos esplendores da vitória e da glória. Mostra-nos o maior triunfo de Cristo, e ao mesmo tempo contém a garantia do triunfo da Santa Igreja Católica para além das adversidades e das perseguições da história do passado e do futuro. Cristo vence, reina, impera. Convém recordar que a primeira aparição de Cristo ressuscitado foi para as piedosas mulheres que andaram muito perto d'Ele na Sua vida e nos Seus sofrimentos até ao Calvário.

Nestes esplendores o olhar da fé contempla, unidas a Jesus ressuscitado, as almas mais queridas, aquelas de quem gozamos a familiaridade ou de quem compartilhamos as penas.

Como se aviva à luz da Ressurreição de Jesus a recordação dos nossos mortos! Estes são recordados e abençoados no sacrifício do Senhor Ressuscitado. Por alguma coisa a liturgia oriental conclui o rito fúnebre com o aleluia para todos os mortos. Para eles invocamos a luz dos eternos tabernáculos, enquanto o pensamento voa também à ressurreição que espera os nossos mortais despojos: «e espero a ressurreição dos mortos» (Credo da Missa). Esperar e confiar na suavíssima promessa de que a Ressurreição de Jesus é penhor seguro.

S.S. João XXIII

COMENTARIO

I — VALOR APOLOGÉTICO DA RESSURREIÇÃO

Jesus tudo dispôs para que o milagre da Sua Ressurreição fosse o argumento mais convincente da Sua natureza divina e divina autoridade da Sua missão e mensagem.

Quando os fariseus Lhe pedem um sinal (milagre) que garanta a autoridade divina que se arroga, diz-lhes: «Destruí este templo e eu o reedificarei em três dias». (*João, 2, 18*) — «Quando, na verdade, ressuscitou dos mortos, os Seus discípulos recordaram que Ele tinha dito isto, e deram fé à Escritura (profecia)

e palavra que Jesus tinha dito». (Ib. 2) — E os fariseus que o não quiseram entender, naquela altura, (Ib. 19) nesse sentido, entenderam-no e recordaram-no ao dia seguinte da crucifixão e, temendo o cumprimento da profecia, mandaram guardar o sepulcro (Mat. 27, 66), embora essa precaução apenas servisse para valorizar a verdade autêntica da Ressurreição.

Quatro verdades se afirmam no Novo Testamento que não permitem duvidar do prodígio:

1.^a a realidade da morte de Jesus Cristo (Mat. 27, 45-56 e concordantes) confirmada a Pilatos pela declaração autêntica do Centurião responsável pela execução (Marc. 15, 44-45); confirmada ainda à ponta da lança do soldado que Lhe abriu o peito (João, 19, 34):

2.^a a realidade da sepultura (Mat. 27, 57-66 e concordantes), mais uma prova da morte, pois não se sepulta quem não está morto e Pilatos certifica-se, como vimos acima, da morte de Jesus Cristo antes de conceder o Seu corpo a José de Arimateia para que este o enterrasse e assim o fez segundo a tradição judaica que coincide em todos os pormenores com os dados arqueológicos fornecidos pelas mais modernas investigações;

3.^a o sepulcro vazio e

4.^a as aparições do Senhor (Mat. 28 e concordantes). «Mostra-se cheio de vida, dando aos Seus discípulos numerosas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do reino de Deus». (Act. 1, 3)

Indica-lhes como as Escrituras se cumpriram n'Ele (Luc. 24, 4) e, sobretudo, mostra-se a Si próprio, mostra as Suas cicatrizes (João, 20, 27) das quais os Padres afirmam, unânimemente, não representarem n'Ele uma deformidade ou fealdade mas, pelo contrário, uma beleza maior e mais alta perfeição, contribuem para dar-Lhe maior glória e, de facto, são os sinais da Sua gloriosa vitória e ainda são, diante do Pai, por toda a eternidade, uma recordação da morte de Seu Filho, inclinando-O a escutar as Suas súplicas em nosso favor (Rom. 8, 34); repete gestos pelos quais facilmente é reconhecido, como o da fracção do pão (Luc. 24, 30-31).

A Ressurreição de Cristo possui todas as provas que poderia exigir-Lhe se nos não fossem dadas espontaneamente.

A esta quarta realidade deve juntar-se o testemunho de São Paulo, transformado de furibundo perseguidor em fervoroso apóstolo da aparição de Cristo Ressuscitado cujo impacto transparece em todas as suas Epístolas (Act. 9, 5).

II — A RESSURREIÇÃO DE CRISTO, GARANTIA DA NOSSA FÉ

O Apóstolo apresenta o facto como garantia da nossa fé e da nossa própria ressurreição.

«Desde o princípio vos ensinei o mesmo que eu aprendi: que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras; e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e que apareceu a Pedro e depois aos Onze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos quando estavam juntos (dos quais ainda hoje em dia vivem muitos e outros já morreram); depois apareceu a Tiago e a seguir a todos os Apóstolos. E em último lugar, como a um abortivo, apareceu também a mim. Porque eu sou o menor dos Apóstolos, indigno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus.

...Mas quer eles quer eu, assim o pregámos e assim o crestes. Ora se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Portanto, se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou.

E se Cristo não ressuscitou, logo é inútil a nossa pregação e também a vossa fé é vã; e somos tidos, além disso, como falsas testemunhas de Deus, pois testemunhamos contra Deus que resuscitou Cristo a quem, porém, não ressuscitou se é que os mortos não ressuscitam.

...E se Cristo não ressuscitou é inútil a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados. E, por conseguinte, também os que adormeceram em Cristo, pereceram.

Se nesta vida somente em Cristo temos posta a nossa esperança, somos os mais miseráveis de todos os homens.

Mas Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que já repousam». (I Cor. 15, 3-9 e 11-5 e 17-20).

III — A NOSSA RESSURREIÇÃO E SANTIFICAÇÃO

O que mais importa aos crentes, porém, é que a Ressurreição de Jesus é a garantia da sua santificação e ressurreição pessoal.

É ainda São Paulo, depois de argumentar com a Ressurreição de Cristo para provar a ressurreição da carne, quem diz: «Assim como por um homem veio a morte, assim também por um homem a ressurreição dos mortos. Porque como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Cada um na sua própria classe: Cristo, as primícias; depois os de Cristo, no Seu advento». (I Cor. 15, 21-23)

A relação da Ressurreição de Jesus Cristo com a vida do cristão constitui um mistério ainda mais profundo de significado a um tempo simbólico e transcendente. No Baptismo, submergindo-se na água, submerge-se sacramentalmente na morte de Cristo, para depois ressuscitar com Ele.

A água simbolizava, entre os antigos, o reino da morte, o império do dragão, de Satã, o domínio do Sheol dos judeus ou da Estígia dos pagãos. A imersão na água significa a imersão na morte, mas, à imitação da morte de Cristo, para os crentes, a imersão na morte de Cristo. E igualmente à imitação da Sua Ressurreição, a nossa emersão da água (da morte simbólica por um lado mas real por outro — morte ao pecado, à vida antiga, ao homem velho —), é-o para uma vida nova:

«... Todos quantos fomos baptizados em Cristo Jesus, na Sua morte fomos baptizados. Consepultados fomos n'Ele pelo baptismo em ordem à morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, assim também nós caminhemos em novidade de vida. Se, efectivamente fomos enxertados n'Ele, por aquilo que é a semelhança da sua morte, se-lo-emos também pela semelhança com a Sua Ressurreição.

Sabemos que o nosso homem velho foi crucificado com Ele para que fosse destruído o corpo de delicto, a fim de que doravante, não sejamos escravos do pecado; pois o que morreu está livre do pecado. Se nós morremos com Cristo, cremos que havemos de viver com Ele, sabendo que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morre, a morte já não tem domínio sobre Ele. Porque a Sua morte foi uma morte ao pecado⁽¹¹⁾ de uma vez para sempre e a Sua vida uma vida para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus» (Rom. 6, 3-11).

IV — A ASCESE DA RESSURREIÇÃO

Toda a moral cristã consiste em morrer para viver, em perder a vida para ganhá-la, em morrer à própria suficiência e ao pecado e viver da graça de Deus que basta, em renunciar à glória que vem dos homens para receber a glória que vem de Deus.

«Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo habita sentado à direita de Deus, e não as da terra: porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, a vossa vida, aparecer, então aparecereis também com Ele na glória» (Col. 3, 1-4).

«Expurgai-vos do velho fermento para que sejais uma nova massa, assim como sois ázimos. Pois que o nosso Cordeiro pascal que é Cristo, foi imolado. E assim celebremos a nossa festa não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade» (I Cor. 5, 7-8).

ORAÇÃO

Nenhum hino, por muito grande e explícito que seja será suficiente para a multidão das Vossas misericórdias, ó Maria.

Porque ainda que Vos ofereçamos, ó Rei Santo, um número de hinos igual ao das areias que existem, não teremos realizado nada que seja digno de quanto por nós fizestes, nós que clamamos: Aleluia!

Ó Mãe gloriosíssima, que destes à luz o Verbo Divino, Santíssimo entre todos, aceitai esta oblação e livrai-nos de todas as desgraças e da condenação futura, pois em Vossa honra cantamos: Aleluia!

Ex Hymno ACATHISTO

(1) As precauções tomadas para guardar o sepulcro serviriam para rejeitar toda a hipótese de fraude no desaparecimento do corpo de Jesus. Os judeus nunca puderam apresentar o cadáver, que tinham tão bem guardado, para contradizer o testemunho dos discípulos quando afirmavam a ressurreição.

(2) Saindo de casa de madrugada, muito cedo, chegaram ao sepulcro quando já o sol tinha nascido.

(3) O cuidado de mandar aviso especial a Pedro, confirma o «primado» que Cristo lhe conferiu.

(4) A fuga das mulheres deita por terra a tendência para alucinar-se que alguns críticos nelas querem imaginar.

(5) «Estúpida astúcia, diz St.º Agostinho, alegar testemunhas que estavam a dormir».

(6) Tudo se conservava na mesma disposição como na altura da sepultura: o sudário, dobrado, no lugar onde tinha sido deixado, aparte das outras vendas que jaziam sobre a pedra tumular, sem terem sido desatadas, como se o corpo de Cristo que antes envolviam, se tivesse evolido, evaporado através delas. Se o corpo de Cristo tivesse sido roubado, não o poderia ter sido se antes não desatasses as vendas que ali estavam sem o mais leve sinal de terem sido tocadas. Isto causa uma grande admiração a Pedro e João quando assim as vêem. Quando Jesus Ressuscitado entrar no Cenáculo com as portas fechadas, deslocando-se tão veloz como o pensamento, Pedro compreenderá como é que Ele saiu do envoltório de panos sem desfazê-lo, e ainda como conseguiu sair do sepulcro deixando intacta a porta com os seus selos. Não obstante Ele não era só espírito mas também corpo real: «apalpai-me e vêde que o espírito não tem carne e ossos como eu tenho».

(7) Madalena persiste na ideia de encontrar um cadáver.

(8) A expressão significa simplesmente: «deixa-me e vai depressa dizer aos meus irmãos que me podem ver porque ainda não subi ao País».

(9) A dificuldade dos discípulos em crer na ressurreição, maior garantia é da sua historicidade.

(10) Esta triplíce denominação Lei (Pentateuco); Profetas (livros históricos e proféticos); Salmos (Sapienciais), designa todo o Antigo Testamento, todo ele profecia de Cristo, preparação do Seu advento.

(11) Cristo, por Sua inefável vontade, antes da Sua morte estava de algum modo submetido ao pecado, não a qualquer pecado pessoal, lá que era a própria inocência, mas ao «pecado do mundo» (João, 1. 29) que sobre Si tinha tomado, pagando por ele à justiça divina com a Sua morte na cruz.

BÊNÇÃO DE DOIS AVIÕES DOS T. A. P.

Continuando uma espécie de tradição, os TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES quiseram que as duas novas unidades da sua frota, o Boeing 727 ao qual foi dado o nome de «Cidade do Porto» em homenagem à Capital do Norte e o Boeing 707, chamado «Luanda» em igual preito à Capital da Província de Angola, recebessem as bênçãos de Deus.

O «Cidade do Porto» foi benzido no aeroporto de Pedras Rubras, no dia 10 de Fevereiro de 1968, pelo Administrador Apostólico da Diocese.

O «Luanda» foi benzido no dia 28 de Fevereiro deste mesmo ano, no aeroporto «Craveiro Lopes», pelo Arcebispo de Luanda.

Os dois magníficos aparelhos entraram já ao serviço de um público cada vez mais exigente e que prefere viajar com os TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES.



Em baixo, o Boeing 707, «LUANDA»; à direita, o Administrador Apostólico do Porto benze o Boeing 727, «CIDADE DO PORTO».



FÁTIMA, 12-26 MAIO 1968



Francisco Pereira de Oliveira

Está a despertar grande entusiasmo em todos os filatelistas a realização da Primeira Exposição Filatélica Internacional de Temática Mariana, que se realizará no Santuário de Fátima, de 12 a 26 de Maio, integrada nas comemorações do Cinquentenário.

Estão inscritos filatelistas portugueses, espanhóis e alemães, esperando-se outras inscrições.

O regulamento foi já distribuído bem como as fichas de inscrição provisória.

Foi igualmente distribuída um desdobrável em 6 línguas com o convite e parte do regulamento e a reprodução de selos de diversos países.

As medalhas que todos os expositores vão receber são de bronze, com o tamanho de 70 mm e reproduzem numa das faces o selo do Cinquentenário com a Basílica de Fátima.

Os selos do Cinquentenário continuam a ser assunto filatélico de numerosas revistas e jornais da especialidade.

Recentemente um grande filatelista brasileiro, general Euclides Pontes, publicou um livrinho com a descrição e reprodução de todos os selos emitidos sobre Fátima, como homenagem ao Cinquentenário das Aparições. Traz este livro também a reprodução de todos os carimbos mecânicos e outros aplicados com motivo das celebrações cinquentenárias.

Os selos são um meio sugestivo de divulgação de factos que eles traduzem.

Através das emissões de Fátima, a Mensagem de Nossa Senhora tem sido mais divulgada e por conseguinte mais conhecida.

A propósito da sua inscrição como expositor na anunciada Exposição Filatélica, um filatelista mandou-nos a cópia da tradução do que acerca dos selos de Fátima, publica um livro sobre filatelia mariana, ilustrado, publicado na Basileia em 1956, por Eduard Ruttimann.

Por bastante significativo, embora empregue frases cujo significado não corresponde ao nosso, não deixamos de transcrever o conteúdo das páginas desse livro:

Pág. 77 — Para comemorar o 300.º aniversário da festa da elevação da Mãe de Deus a Padroeira de Portugal, publicaram uma bonita série de selos, mostrando a imagem de Maria com o Menino Jesus. No ano de 1646, o rei D. João IV elegeu a Mãe de Deus Imaculada Conceição, Padroeira do seu país. Na parte superior esquerda do selo vê-se o escudo português: cinco quinas colocadas em forma de cruz, simbolizando as cinco chagas de Cristo.

Pág. 78 — Nossa-Senhora de Fátima.

Por ser Fátima, hoje, um dos locais de peregrinação principais e por ter sido a imagem de Nossa Senhora de Fátima reproduzida em 36 selos desde 1948 a 1953, parece-nos indicado entrar em pormenor na história de Fátima. Aconteceu em 13 de Maio de 1917. No Oeste e Este da Europa, em campos de batalha sangrentos, travava-se a primeira Guerra Mundial. Na Capela Sixtina, em Roma, o Papa, Bento XV ordenava Bispo, Monsenhor Pacelli — hoje Papa Pio XII. Ao mesmo tempo, 3 pastorinhos portugueses guardavam seu pequeno rebanho de ovelhas, na Cova da Iria, perto de Fátima. De repente, por cima de uma pequena azinheira, viram, envolvida numa luz deslumbrante, uma linda senhora. «Eu venho do Céu!» — disse Ela. «Deverão vir aqui todos os meses, até Outubro, nos dias 13. Nessa altura dir-vos-ei quem sou e farei um milagre.» Naquela como em todas as outras aparições, insistiu em que rezassem frequentemente o terço e fizessem penitência pelos pecadores, para evitar que estes fossem para o inferno. Por ocasião da aparição de 13 de Julho, recomendou a devoção ao Imaculado Coração de Maria, que se devia espalhar pelo Mundo inteiro. Se isto acontecesse, salvar-se-iam muitas almas e não haveria outra guerra. Caso contrário, tremenda guerra assolaria a humanidade. A Rússia deveria ser também dedicada ao Imaculado Coração de Maria. A 13 de Outubro reuniram-se em Fátima 70 000 pessoas, crentes, ateus e curiosos. A Senhora dos Céus, que apenas foi vista pelas crianças, disse: «Eu sou a Rainha do Rosário e venho advertir os homens para que não continuem na sua vida de pecado. Devem pedir perdão a Nosso Senhor, tão seriamente ofendido, e rezar o terço».

Então deu-se o milagre, que foi visto por toda a assistência. O Sol girou várias vezes à volta do seu eixo. Em Outubro de 1930 os acontecimentos de Fátima foram reconhecidos como dignos de crença pelas autoridades da Igreja. Os peregrinos que todos os anos vão ao local de Fátima, contam-se por milhares, digo, centenas de milhares. No 25.º ano da

Aparição, isto é em 1942, o Papa Pio XII, solene-solenemente dedicou o Mundo inteiro, e principalmente a Rússia, ao Imaculado Coração de Maria. Os selos postais emitidos por ocasião do Ano Santo de 1950, mostram Nossa Senhora de Fátima, na conhecida reprodução de José Thedim.

Pág. 80 — Colónias Portuguesas — Nossa Senhora de Fátima aparece às crianças. Os videntes, a quem a Mãe de Deus apareceu, eram: Lúcia dos Santos, então com 10 anos, seu primo Francisco, com 9 anos e sua prima Jacinta com 7 anos. Naturalmente, as crianças sofreram muito com os intermináveis interrogatórios. No entanto, nunca se contradisseram nas suas declarações. Francisco e Jacinta morreram há muito tempo, mas Lúcia vive ainda, como freira. Os selos postais que em 1948 foram emitidos pelas 8 Colónias Portuguesas têm todos o mesmo motivo: a Aparição da Mãe de Deus. As crianças ajoelham à esquerda, olhando a visão, ao centro, e à direita está a pequena azinheira, e os raios na parte posterior simbolizam o milagre do sol. Inscricção: Nossa Senhora de Fátima.

Pág. 81 — A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

No fim do Ano Santo de 1950 todas as colónias portuguesas emitiram novamente uma série de selos que mostram o mesmo motivo, com o busto de Nossa Senhora, que tem o seu lugar permanente na pequena Capela das Aparições em Fátima. É curioso ver-se nestes selos um apêndice impresso que cita 7 vezes uma frase do Santo Padre e uma vez um pensamento do Cardeal Patriarca de Lisboa. As frases do Santo Padre foram tiradas de uma preleção radiodifundida em 13 de Maio de 1946 por ocasião da comemoração do 3.º Centenário da dedicação de Portugal à Mãe de Deus, Imaculada Conceição, e dirigida a meio milhão de peregrinos em Fátima.

Nesta ocasião foi também Nossa Senhora de Fátima coroada pelo Legado Papal Card. Masella. Seguem-se, descriminadas, as citações em língua alemã.

Pág. 83 — Busto da Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

A Índia Portuguesa emitiu uma colecção especial de selos, com 8 valores diferentes, com o busto de Nossa Senhora Peregrina de Fátima modelado também por Thedim, segundo as indicações dos videntes, e que está em Fátima.

Estátuas de Nossa Senhora.

Por ocasião da Festa que encerrou o Ano Santo de 1951, no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, realizou-se uma exposição de Arte Sacra Missionária, na qual se podiam ver obras de arte feitas por indígenas das colónias portuguesas. Durante esta exposição emitiram uma grande série de selos sob o título «Arte Sacra Missionária». Cada uma das oito colónias está representada com uma obra de arte, reproduzida em três valores. Trata-se de criações

artísticas de arte primitiva, por vezes de comovente simplicidade. Três colónias estão representadas com estatuetas da Mãe de Deus.

Pág. 85 — Nossa Senhora do Manto Protector.

Na concessão portuguesa de Macau, na costa sul da China, estão em circulação desde 1930, selos de assistência e selos fiscais. A primeira emissão só tem a indicação da moeda do país, além de outra indicação da moeda chinesa. Os selos mais raros são os que reproduzem a imagem de Nossa Senhora, chamada a do Manto Protector. Dois Anjos levantam este manto dos lados, e debaixo dele ajoelham pessoas de todas as nacionalidades e níveis sociais, tanto bispos como lavradores. Todos levantam as mãos em sinal de veneração e recolhimento para Aquela que nas dificuldades de corpo e alma os ajuda e ajudará. São conhecidas as imagens do Manto Protector desde o século XIV, com ou sem o Menino Jesus, que falta nesta Imagem.

Apreciando a Imagem deste selo, lembramo-nos do cântico:

Maria, abre o Teu manto,
Faz dele uma capa e uma defesa para nós,
Deixa-nos ficar debaixo em segurança,
Até que as tempestades amainem.



A Exposição Filatélica vai realizar-se — sob o tema MARIA, MÃE DA IGREJA. Se todos os filatelistas de temática cristã quiserem, ela reverterá numa grandiosa jornada de amor e devoção à Santíssima Virgem, neste ano do Cinquentenário das Suas Aparições em Fátima.

A Comissão Executiva é constituída por Sua Excelência Revd. o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria, Monsenhor António Antunes Borges, reitor do Santuário, Prof. Dr. Carlos Trincão, presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, Artur Santa Barbara, presidente da União de Filatelia Cristã, S. Gabriel, Dr. Rui Acácio da Silva Luz, presidente da Comissão Regional de Turismo de Leiria, Mário von Stein, Chefe da Estação dos CTT de Fátima. A Comissão de Admissão é formada por Eduardo Brito, Coronel António Luis Tadeu, Pe. João Luszen e Irmão Anacleto. O Comissário geral da Exposição é Francisco Pereira de Oliveira, Santuário de Fátima, para onde deverão ser enviados todos os assuntos respeitantes à Exposição Filatélica.

O DIA MUNDIAL DOS DOENTES



Cálice para a igreja da S. Bento.

Foi comemorado em Fátima com diversos actos de culto. Às 8,30 o senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, concelebrou com os sacerdotes beneditinos Gaspar Rodrigues de Sousa, superior do Mosteiro de São Bento da Vitória, do Porto e Domingos de Sousa, promotor do movimento a favor da assistência espiritual aos doentes e que foi também a alma da oferta que uma centena de doentes, representando todos os que sofrem, veio fazer ao Santuário: dois cálices de ouro, um para ser entregue ao Santo Padre e outro para a Basílica da Cova da Iria.

O Revdo. Domingos de Sousa, ao Evangelho, explicou o significado da oferta que representa a dor, as lágrimas e o sangue de quantos sofrem resignadamente.

No momento do ofertório os cálices foram levados ao altar, por dois meninos. O que era destinado à Basílica serviu imediatamente para a celebração do Santo Sacrifício.

O senhor D. João agradeceu a oferta dos doentes e prometeu rezar por eles, implorando a protecção do Imaculado Coração de Maria.

Depois da Missa foi exposto, solenemente, o Santíssimo Sacramento para adoração durante todo o dia. Diversas Congregações religiosas com residência na Cova da Iria, tornaram-se na adoração e na pregação.

Encerrou as comemorações o senhor D. Domingos de Pinho Brandão que, ao fim da tarde, antes da bênção final com o Santíssimo Sacramento, pronunciou uma tocante alocução, referindo-se ao significado do dia. Disse que há doentes do corpo e doentes de espírito, porventura os mais graves. Que, se os primeiros, pelo sofrimento aceite resignadamente, podem santificar-se e contribuir para a santificação dos segundos, estes, pelo contrário, precisam de um milagre da graça para se curarem. Estes milagres da graça são frequentes em Fátima, por intercessão de Nossa Senhora. Ela prometeu que, pela devoção ao Seu Coração Imaculado, muitas almas se salvariam. É preciso rezar pela conversão dessas almas, pela cura desses doentes, encomendá-los à maternal caridade do Coração Imaculado de Maria. Também não se devem esquecer, nas nossas preces, todos os outros doentes do corpo.



Cálice para o Santo Padre.



HISTÓRIA PEQUENINA DE UMA GRANDE IDEIA

Há anos que na Igreja de S. Bento do Porto, se celebra todos os dias 13, às 10 h. uma Missa para doentes e pelos doentes.

Um dia, pessoa anónima entregou nesse Mosteiro um anel de ouro com este recado: «queria que este anel fosse para fazer um cálice para a Missa dos Doentes».

Quem o recebeu guardou-o muito bem guardado, sem sonhar sequer o que viria a acontecer.

Passados meses e só por descargo de consciência, foi contado o facto no programa da Renascença «Bem-aventurados os que sofrem». Não se queria ser estorvo a uma ideia que poderia vir de Deus.

E começaram a juntar-se àquele anel outros anéis, muitos anéis e muitas peças de ouro.

Tinha começado o ano de 67, o ano do Cinquentenário de Fátima. Espontaneamente nasceu a ideia de os doentes, ouvintes do programa, oferecerem um cálice como recordação do Jubileu de Nossa Senhora de Fátima para serem oferecidas muitas



Cálice para o Santuário de Fátima.



missas pelo sofrimento do mundo. O que é Fátima senão um rosário de misericórdias para com os que sofrem?

E como o coração adivinhava que o Santo Padre não deixaria de vir a Fátima, que recordação lhe haviam de oferecer aqueles que ele traz sempre no coração? — Um cálice feito de renúncias para o Papa oferecer o Sangue de Jesus pelo sofrimento do mundo.

E como se esta sugestão fosse rastilho aceso em pólvora seca, foi um chover de ouro para a realização da ideia. Ninguém queria ficar de fora.

Impossível descrever a devoção, o carinho e as lágrimas que acompanhavam as ofertas dos doentes, dos pobres e dos pequeninos.

Crianças de tenra idade traziam as suas pequeninas jóias e muitas mães queriam que os filhos de colo também estivessem presentes.

Alguns vinham cumprir a última vontade de entes queridos: antes de partirem para o Céu manifestaram desejo de participar neste ofertório.

E as palavras, e as lágrimas que acompanhavam as ofertas? Que riqueza muito mais valiosa que o ouro! Que fé! Que amor a Nossa Senhora, ao Santo Padre e a todos os que sofrem! ... Oh! riqueza do coração do bom povo, simples e agradecido.

Faziam-se promessas de ouro para os cálices implorando graças do Céu. E o Céu respondia despachando as súplicas e os voventes cumpriam amorosamente.

Que peso de responsabilidade sobre os ombros daquele a quem se entregava tanta riqueza.

Não era o valor material, decerto nada pequeno; era a confiança cega de quem entregava de olhos fechados tamanha riqueza espiritual.

Onde encontrar artífices capazes de dar corpo a tal ideia com beleza ao menos parecida com a gesto tão sublime?

Aqueles que tiverem a dita de ver com seus olhos a obra feita pertencerá aquilatar do engenho artístico de quem soube transformar as gotinhas de ouro em peças de joalharia que encherão os olhos e o coração de quantos as contemplarem. O mesmo entusiasmo e o mesmo amor que encheu o coração dos ofertantes pegou-se ao coração e iluminou a imaginação criadora do artista que concebeu a forma dos cálices e guiou as mãos dos artífices que os fabricaram.

Nos dias 30 e 31 de Março foi a Peregrinação a Fátima do Mosteiro de S. Bento para entregar o cálice destinado ao Santuário e comemorar o Jubileu de Fátima, e desse Mosteiro.

Não é possível escrever os nomes dos ofertantes dentro dos cálices, mas o Senhor e a Senhora bem os conhecem a todos e a todos terão diante dos olhos quando for oferecido o Sangue de Jesus por qualquer dos cálices. Eles sabem do amor com que cada um renunciou talvez à sua única jóia, para ungir com perfume os pés do Senhor.

Aquela mulher anónima que deitou sobre eles um vaso de perfume caro ouviu anunciar pela boca de Cristo que o seu gesto seria contado a todo o mundo apesar dos reparos farisaicos de um falso amigo dos pobres.

No Céu saberemos quantos pobres foram ajudados pelos mesmos que assim quiseram honrar o Senhor, a Mãe do Céu e o Santo Padre, em benefício de todos os pobres do Mundo, pois que os cálices levam a intenção de por eles se oferecer o Sangue de Jesus pelo sofrimento do mundo, isto é, por todos os que sofrem.



Aspectos vários da oferta e ofertantes dos cálices de ouro.



NO ALENTEJO . . . NO RIBATEJO . . .

Principalmente nestas Províncias já estão plantados muitas milhares de hectares com tomate.

Este ano, como no passado, vai esta cultura continuar a aumentar. Não se esqueça de que os adubos azotados mais indicados para as coberturas de tomate são:

NITRATO DE CÁLCIO logo na primeira sacha

NITROLUSAL ou **NITRAPOR** na segunda

NITRAPOR S para tomate, não há melhor. A qualidade e a classificação nas Fábricas melhoram sumamente.

NÃO POUPE NOS ADUBOS!

RESÚMENES

PASCUA, FATIMA Y LA PAZ

Jesucristo ha borrado los pecados del mundo con sus sufrimientos y su muerte. Los pecados son la causa principal de todas las divisiones, miserias y desigualdades, causa de la guerra. Jesucristo ha reconciliado las almas con Dios. Por eso nos puede ofrecer la Paz como nos la ofrece al decirnos, antes de su muerte: «Mi Paz os dejo; mi Paz os doy». Al saludar a los discípulos después de su resurrección también emplea expresiones de Paz: «La Paz sea con vosotros».

El tiempo pascual es muy apropiado para pensar en la Paz, en la Paz de Cristo que se funda en la Verdad, en la Justicia, en la Libertad y en el Amor y por eso es tan diferente de la paz del mundo porque el mundo no ama a la Verdad, no cumple la Justicia, no respeta la Libertad y no comprende la caridad auténtica que consiste, como Cristo afirma, en «dar la vida por el hermano».

Fátima, en su mensaje de Paz es una otra Pascua. En primer lugar Nuestra Señora nos indica como debemos de acabar con la causa de las guerras que son los pecados: «No ofendan más a Nuestro Señor que ya está muy ofendido». Después insiste con nosotros para rezarnos: «Rezad el Rosario todos los días para conseguirdes la Paz».

Fátima es Pascua. Es un tránsito de la vida de pecado a la vida de la gracia, por la penitencia; el paso de las trevas a la luz de la verdad; de la imposición al derecho; de la opresión a la libertad; del odio al amor.

PARA UNA DEFINICIÓN DE LA PAZ SEGUN EL MENSAJE DE FATIMA

El segundo artículo de este estudio sobre la Paz en el espíritu del Mensaje de Fátima, en busca de una definición, es consagrado al pensamiento de Juan XXIII, verdadero continuador, por lo demás, del pensamiento de Pío XII en este sentido.

Los documentos de que el Autor se sirve son únicamente las encíclicas *Mater et Magistra* y *Pacem in Terris* por se consideraren suficientes para la finalidad en vista. El Autor, sin embargo, nos advierte que es muy difícil encontrar en Juan XXIII los términos académicos de una definición por el hecho de el Papa Roncalli ser mucho más práctico que académico, lo que no importa porque de esta forma se habrá avanzado en el camino de indicar en que se funda la paz y lo que es necesario hacer para conseguirla, cosa que interesa mucho más a todos los hombres de buena voluntad.

El pensamiento de Juan XXIII sobre la Paz gira alrededor de estos cuatro elementos: Verdad, Justicia, Libertad y Amor. Afirma claramente que la Paz es Progreso en el bien común que debe

de estar al alcance de todos los individuos tanto en el plan nacional como en el plan internacional. Afirma aún que sin Dios no es posible la Paz porque la Paz es orden y la orden auténtica se funda en Dios.

El Autor, como lo ha hecho en el artículo anterior dedicado al pensamiento de Pío XII, intenta dar una definición de la Paz a partir del pensamiento de Juan XXIII y nos presenta este ensayo de definición: «La Paz es el bien común universal conseguido por el establecimiento del orden, restaurado por la Pasión y Muerte de Jesucristo y realizado en la verdad, justicia, amor y libertad de todos los hombres (Penitencia), y, porque es obra difícil que «no puede realizarse sin el necesario auxilio del cielo», pedida (Oración) «a aquel que con sus dolorosos tormentos y con su muerte no sólo ha borrado los pecados (Penitencia), principal fuente de todas las divisiones, miserias y desigualdades, sino también al derramar su sangre ha reconciliado al género humano con su Padre Celestial, ofrecendole los dones de la Paz».

EL PRETENDIDO SILENCIO DE PABLO VI EN FATIMA

El prolífico Autor Canónigo Barthas continua a regalarnos con sus escritos sobre el Mensaje de Fátima y todo cuanto gira alrededor de él. Atento como nadie a todo cuanto se dice o se escribe en el mundo sobre Fátima, no deja pasar sin crítica cualquier alusión menos correcta. Así, en este artículo contesta a algunos publicistas que, tendenciosamente, afirman que el Papa, en su alocución del 13 de mayo de 1967, en Cova da Iria, no ha hablado explícitamente de las Apariciones de Nuestra Señora o de su Mensaje.

El Autor coge los discursos de Pablo VI uno a uno y muestra a todos los escritores tendenciosos como el Santo Padre, a partir de su alocución del 3 de mayo en el Vaticano hasta la homilía en Cova da Iria el día 13 y por otras palabras y actitudes ha hablado muy claramente de las apariciones de Fátima y de su Mensaje. En Fátima dijo: «Es Nuestro deseo honrar a la Virgen Santísima en este santuario bendito donde hoy se celebra el quinquagésimo aniversario de las apariciones y el vigésimo quinto de la consagración del mundo al Corazón Inmaculado de María». En Roma había dicho: «Recurrimos a aquella que, para la salvación de este mundo moderno de nuevo ha mostrado su rostro maternal, dulce y radioso a los niños, a los pobres, y ha recomendado como remedios soberanos la oración y la penitencia». Si esto no es referirse directamente a las apariciones y al mensaje, no se descubre de que otro modo pudiera hacerlo más claramente, dice el Autor.

ALGUNAS NOTICIAS DE FATIMA

Los días 12 y 13 de marzo estuvo en Fátima la primera peregrinación nacional de Yugoslavia, integrada por

ochenta personas presididas por el Arzobispo de Lubiana, Mons. José Pogoenik. Han venido 17 sacerdotes que han concelebrado. Asistieron a todas las ceremonias y el Señor Arzobispo ha dado la bendición con el Santísimo Sacramento a los enfermos.

Los mismos días estuvo un grupo de jóvenes belgas, dirigido por la artista Bradi Barth, escultora y pintora que durante cuatro años ha trabajado para crear un admirable espectáculo de marionetas representando un auto sacramental sobre las alegrías y dolores de la Virgen María. Han ofrecido tres sesiones a todos los habitantes de Fátima que han asistido muy complacidos y con verdadera elevación artística y espiritual.

FILATELIA

Está constituida la Comisión Ejecutiva para la I Exposición Filatélica Internacional de Temática Mariana. La componen S. Excia. Revdma. Domingos de Pinho Brandão, Obispo Auxiliar de Leiria, Mons. Dr. António Antunes Borges, Rector del Santuario. Prof. Dr. Carlos Trincão, presidente de la Federación Portuguesa de Filatelia, Artur Santa Bárbara, presidente de la Unión de Filatelia Cristiana San Gabriel, Dr. Rui Acacio da Silva Luz, presidente de la Comisión Regional de Turismo de Leiria, Mario Von Stein, Jefe de la Estación de Correos de Fátima. La Comisión de Admisión es formada por Eduardo Brito, Coronel Antonio Luis Tadeu, P. Juan Luszen y Hermano Anacleto. El Comisario General de la Exposición es nuestro distinguido colaborador Don Francisco Pereira de Oliveira a quien debe ser dirigida toda la correspondencia relativa a la exposición.

El reglamento de la exposición ha sido largamente distribuido, bien como fichas de inscripción. Igualmente está en distribución una hoja desplegable, en seis idiomas, con el reglamento, invitación y reproducción de sellos de diversos países.

Las medallas que todos los expositores van a recibir son de bronce, de 70 mm de diámetro, reproduciendo en una de las caras el sello del Cincuentenario con la Basílica de Fátima.

RÉSUMÉS

PÂQUES, FATIMA ET LA PAIX

Jésus Christ, par ses souffrances et sa Mort, a effacé les péchés du Monde, qui sont à l'origine de toutes les divisions, misères et inégalités, cause de la guerre; et il a réconcilié les âmes avec Dieu. C'est pourquoi Il peut nous offrir la Paix comme Il nous l'offre en disant, avant Sa Mort: «Je vous laisse Ma

Paix, Je vous donne Ma Paix.» En saluant ses disciples Il emploie aussi des expressions, des vœux de Paix: «La Paix soit avec vous!».

Le temps de Pâques est le temps le plus propice pour penser à la Paix, à la Paix du Christ qui est fondée sur la Vérité, la Justice, la Liberté et l'Amour. C'est pourquoi elle est tant différent de la paix du Monde car le Monde n'aime pas la Vérité, n'accomplit pas la Justice, ne respecte pas la Liberté et ne comprend pas l'authentique charité qui consiste, comme dit le Christ, à donner sa vie pour le prochain.

Fatima, dans son message de Paix est comme une autre Pâque. En premier lieu, Notre Dame nous indique que nous devons en finir avec la cause des guerres que sont les péchés: «Qu'on n'offense plus Notre Seigneur qui est déjà tant offensé». Puis Elle insiste pour que nous priions: «Récitez le chapelet tous les jours pour obtenir la Paix».

Fatima, est une Pâque. C'est un passage de la vie du péché à la vie de la grâce, par la pénitence. Le passage des ténèbres à la lumière de la vérité, de la force au droit, de l'oppression à la liberté, de la haine à l'amour.

EN VUE D'UNE DEFINITION DE LA PAIX SELON LE MESSAGE DE FATIMA

Le second article de cette étude sur la Paix dans l'esprit du Message de Fatima, à la recherche d'une définition, est consacré à la pensée de Jean XXIII, véritable continuateur, d'ailleurs, de la pensée de Pie XII dans ce sens.

Les documents dont se sert l'Auteur, sont uniquement les encycliques *Mater et Magistra* et *Pacem in Terris*, jugés suffisants pour le but proposé. L'Auteur nous prévient toutefois qu'il est très difficile de trouver chez Jean XXIII les termes académiques d'une définition car le Pape Roncalli est beaucoup plus pratique qu'académique ce qui n'a pas d'importance car de cette manière on ira beaucoup plus vite à montrer sur quoi est fondée la Paix et ce qu'il faut faire pour l'obtenir. C'est ce qui intéresse surtout tous les hommes de bonne volonté.

La pensée de Jean XXIII sur la Paix tourne autour de ces quatre éléments: Vérité, Justice, Liberté et Amour. Il dit clairement que la Paix est progrès, dans le bien commun qui doit être accessible à tous les individus tant sur le plan national qu'international. Il affirme que sans Dieu la Paix n'est pas possible car la Paix est ordre et l'ordre authentique trouve son fondement en Dieu.

L'Auteur, ainsi qu'il l'a fait dans l'article consacré à la pensée de Pie XII, essaie de donner une définition de la Paix à partir de la pensée de Jean XXIII et il nous propose la définition suivante: «La Paix est le bien commun universel obtenu par l'établissement de l'ordre, restaurée par la Passion et la Mort du Christ et réalisée dans la vérité, la justice, l'amour et la liberté de tous les hommes (Pénitence). Comme c'est une oeuvre difficile qui «ne peut se réaliser sans le secours nécessaire du Ciel», elle est demandée (Prière) «à Celui qui par Ses horribles tourments et

Sa Mort a, non seulement, effacé les péchés (Pénitence), source principale de toutes les divisions, misères et inégalités, mais aussi, en plus, en répandant Son Sang, a réconcilié le genre humain avec Son Père Céleste, lui offrant les dons de la Paix».

LE PRETENDU SILENCE DE PAUL VI A FATIMA

Le prolifique Auteur, Mr. le Chanoine Barthas, continue de nous réjouir par ses écrits sur le Message de Fatima et sur tout ce qui circule à son sujet. Attentif comme personne à tout ce qui se dit ou s'écrit dans le Monde sur Fatima, il ne laisse passer, sans une critique bien à propos, aucune allusion un peu moins correcte. C'est ainsi que dans cet article il répond à quelques publicistes qui, tendancieusement, affirment que le Pape, dans son allocution du 13 Mai 1967 à la Cova da Iria, n'a pas parlé explicitement des Apparitions de Notre-Dame ou de Son Message.

Notre Auteur et ami reprend un par un les discours du Pape Paul VI et montre à tous ces écrivains tendancieux de quelle manière, très claire, le Saint Père a parlé des apparitions de la Très Sainte Vierge et de Son Message. Ainsi, commençant par l'homélie de la Cova da Iria il montre comment dès le premier paragraphe le Pape dément des calomnieux et nous révèle ses sentiments à ce moment-là: «le désir d'honorer la Très Sainte Vierge Marie dans ce Sanctuaire béni où aujourd'hui se célèbre le cinquantième anniversaire des apparitions et le vingt-cinquième de la consécration du Monde au Coeur Immaculé de Marie».

Il avait déjà auparavant manifesté clairement sa pensée à ce propos en annonçant, le 3 Mai, à Rome, son intention de faire le pèlerinage de Fatima car, pour obtenir la Paix: «nous ferons encore ce pas, Nous recourrons à Celle qui, pour le salut du Monde moderne, a montré de nouveau son visage maternel, doux et radieux, aux enfants, aux pauvres, et a recommandé comme remèdes souverains la prière et la pénitence». Or, si ceci ne se rapporte pas aux apparitions et au message de Fatima, que signifieraient, alors, ces gestes éloquentes d'offrir à la Statue de la Vierge de la petite Chapelle un joli chapelet qu'il a voulu placé, Lui-même, dans les mains de la Statue, ou de présenter à la foule la voyante encore vivante, Lucie dos Santos, qu'il avait obligée au préalable de sortir de sa clôture pour venir à Fatima?

QUELQUES NOUVELLES DE FATIMA

Les 12 et 13 Mars a eu lieu à Fátima le premier pèlerinage national de Yougoslavie, composé de quatre-vingts pèlerins et présidé par l'Archevêque de Lubiana, Monseigneur Joseph Pogoenik. 17 prêtres étaient présents qui ont concélébré. Ils ont assisté à toutes les cérémonies. L'Archevêque de Lubiana a donné la bénédiction du Très Saint Sacrement aux malades.

Ces mêmes jours se trouvait à Fatima un groupe de jeunes filles belges, dirigé par l'artiste Bradi Barth, sculpteur et peintre. Cette artiste a travaillé durant quatre ans pour mettre sur pied un magnifique spectacle de marionnettes représentant «Les Joies et les Douleurs de Notre-Dame». Trois séances ont été offertes aux habitants de Fatima qui ont beaucoup apprécié la beauté et le très grand art de ce spectacle sans égal.

PHILATÉLIE

La Commission Exécutive est constituée, en vue de la Ière Exposition Philatélique Internationale de Thème Marial. Elle se compose de S. Exc. Domingos de Pinho Brandão, Evêque Auxiliaire de Leiria, Mgr. dr. António Antunes Borges, Recteur du Santuaire, le Prof. Dr. Carlos Trincão, président de la Fédération portugaise de Philatélie, Artur Santa Bárbara, président de l'Union de Philatélie Chrétienne «Saint Gabriel», le Docteur Rui Acácio da Silva Luz, président de la Commission Régionale du Tourisme de Leiria, Mário Von Stein, Directeur des Postes de Fatima. La Commission d'admission est formée par Eduardo Brito, le Colonel António Luís Tadeu, le Père João Luszen et Frère Anacleto. Le Commissaire Général de l'Exposition est notre distingué collaborateur Francisco Pereira de Oliveira à qui doit être adressée toute la correspondance relative à l'exposition et avec qui doivent être traités tous les sujets s'y rapportant.

Cependant le tache a été largement répartie ainsi que les fiches d'inscription. Il se distribue également un dépliant en six idiomes, avec une partie du règlement, une invitation et une reproduction de timbres de divers pays.

Les médailles que tous les exposants vont recevoir sont en bronze, de 70 mm de diamètre, reproduisant sur un des faces le timbre du Cinquantième avec la Basilique de Fatima.

SUMMARY

EASTER, FATIMA AND PEACE

Jesus Christ, by sufferings and His Death, wiped out the sins of the world from which originate divisions, miseries and inequalities of all kinds which cause war, and reconciled souls with God. Hence He can offer us Peace, saying to us as He did before His Death: Peace I leave you, My peace I give unto you. When greeting His disciples He also used expressions and wishes of Peace: Peace be to you!

Easter time is most appropriate for thinking of Peace, the Peace of Christ

which is founded on Truth, Justice, Liberty and Love, and thus so different from the peace of the world, because the world does not love Truth, does not fulfil Justice, does not respect Liberty and does not understand true Charity which consists, as Christ says, in giving one's life for one's neighbour.

Fatima, in its Message of Peace, is like another Easter. In the first place, Our Lady tells us how we can do away with the cause of war which is sin: «Do not offend Our Lord any more for He is already so much offended.» Later She insists that we pray: «Pray the Rosary every day to obtain Peace.»

Fatima is Easter. It is a passing over from the life of sin, by penance, to the life of grace. It is the passage from darkness to the light of truth, from might to right, from oppression to liberty, from hate to love.

TOWARDS A DEFINITION OF PEACE ACCORDING TO THE MESSAGE OF FATIMA

The second article of this study on Peace in the spirit of the Message of Fatima, in search of a definition, is devoted to the thought of Pope John XXIII, who indeed is a true follower of the thought of Pius XII in this sense.

The documents which the Author uses are solely the encyclicals *Mater et Magistra* and *Pacem in Terris*, these being considered sufficient for the end in view. The Author, however, observes that it is difficult to find in John XXIII the academic terms for a definition, Pope Roncalli being much more practical than academic, which does not matter because in this way advances will be made on the way towards indicating on what Peace is founded and what is necessary to obtain it, which is what most interests all men of good will.

The thought of John XXIII about Peace revolves around these four elements: Truth, Justice, Liberty and Love. He says clearly that Peace is progress, in the common good that ought to be accessible to all individuals as much on the national plane as on the international. He affirms that without God Peace is not possible, because Peace is order and authentic order is founded on God.

The Author attempts, as he has done in the article devoted to the thought of Pius XII, to give a definition of Peace as from the thought of John XXIII and presents us with this experimental definition: «Peace is the universal common good obtained by the establishment of order, restored by the Passion and Death of Christ, and realized in the truth, justice, love and liberty

of all men (Penitence), and, because it is a difficult work which cannot be brought about without the necessary help from Heaven», asked (Prayer) «of Him Who with His dolorous torments and with His Death not only wiped out sin (Penitence), chief source of all divisions, miseries and inequalities, but also besides this, on shedding His Blood, reconciled the human race with His Heavenly Father, offering them the gifts of Peace».

THE SUPPOSED SILENCE OF POPE PAUL VI IN FATIMA

The prolific Author, Canon Barthas, continues to delight us with his writings about the Message of Fatima and all that touches on this subject. Attentive as none else as to what is said and written all over the world about Fatima, he does not omit to make judicious criticism of any allusion which is not quite correct. Thus, in this article he replies to some writers who, somewhat biased in their views, affirm that the Pope, in his address on the 13th May, 1967, in the Cova da Iria, did not speak explicitly of the Apparitions of Our Lady or Her Message.

Our Author friend takes the discourses of Pope Paul VI, one by one, showing to all these biased writers how the Holy Father spoke very clearly of the Apparitions of Our Lady and Her Message. Thus, beginning with the homily in the Cova da Iria, he shows how right away in the opening paragraph the Holy Father belies these columniators, exposing what were his sentiments at that time: «the desire to honour the Holy Virgin Mary in this blessed sanctuary where the 50th anniversary of the apparitions is celebrated today, and the 25th anniversary of the consecration of the world to the Immaculate Heart of Mary».

He had already manifested his mind about the matter beforehand when announcing in Rome on the 3rd May his intention to go on pilgrimage to Fatima in order to obtain Peace, of which discourse we give the following passage: «We have recourse to Her who, for the safety of this modern world of ours, has deigned to show Her maternal countenance once more, all sweet and luminous, to the poor and little ones, and recommended prayer and penance as sovereign remedies.» Now, if that is not referring to the apparitions and message of Fatima, then what significance had those eloquent gestures, of offering to the Statue of Our Lady from the little Chapel a beautiful rosary which His Holiness wished to place personally in the hands of the statue, or of presenting Lúcia dos Santos,

the only seer still living, to the multitude, having previously obliged her to leave her cloister and come to Fatima?

SOME NEWS FROM FATIMA

On March 12th and 13th, the first national pilgrimage from Yugoslavia, composed of eighty pilgrims and presided over by the Archbishop of Lubiana, Msgr. Joseph Pogoenik, came to Fatima. There were 17 priests present who concelebrated. The pilgrims attended all the ceremonies of the 13th, and the archbishop of Lubiana gave the Blessing of the Sick.

At the same time, a group of young Belgians were in Fatima, directed by Bradi Barth the artist, both sculptor and painter, who worked for four years on the creation of a magnificent marionette show representing the theme «Joys and Sorrows of Our Lady». Three showings were offered to the inhabitants of Fatima who greatly appreciated the beauty and rare art of this most singular display.

PHILATELY

The Executive Commission for the 1st International Marian Philatelic Exhibition has been formed. It is composed of His Excellency Mons. Domingos de Pinho Brandão, Auxiliary Bishop of Leiria, Monsignor António Antunes Borges, Rector of the Sanctuary, Prof. Dr. Carlos Trincão, President of the Portuguese Federation of Philately, Artur Santa Bárbara, President of the Union of Catholic Philately «St. Gabriel», Dr. Rui da Silva Luz, President of the Regional Tourist Commission of Leiria, Mário Von Stein, Postmaster CTT of Fatima. The entrance Commission members are Eduardo Brito, Coronel António Luís Tadeu, Fr. João Luszen and Br. Anacleto. General Commissary of the Exposition is our distinguished collaborator, Francisco Pereira de Oliveira, to whom ought to be sent all correspondence about the exhibition, and with whom all relative matters ought to be taken up.

Meanwhile a circular of regulations has been widely distributed, together with application forms. Likewise, there has been a general distribution of a notice in six different languages, giving part of the regulations and an invitation, as well as a reproduction of stamps from several countries.

The medals which all exhibitors will receive are of bronze, 70 mm. in diameter, showing the Golden Jubilee stamp on one side with the Basilica of Fatima.

CAPAS PARA A SUA COLECÇÃO DA REVISTA «FATIMA - 50»

Guarde a sua colecção dos 12 primeiros números da revista «FATIMA - 50» numas lindas capas que lhe oferecemos a um preço excepcional. Originais, não é preciso mandar ao encadernador. Você mesmo as coloca nas capas e as tira quando quiser

VEJA O ANÚNCIO DA PÁGINA 12



FÁTIMA NO MUNDO

A VOLTA AO MUNDO COM NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO AVIÃO DA PAZ

Narra:
JOHN HAFFERT

Fotos:
**Equipa
acompanhante**

A primeira parte da minha reportagem é escrita entre Atenas e Roma. Não obedecerei a uma sequência perfeita. Até esta altura já entregámos três imagens de Nossa Senhora de Fátima: a primeira em Berlim, a segunda em Praga e a terceira na residência papal no Vaticano, onde o Papa a benzeu.

A mais maravilhosa e, porventura, encantadora experiência de toda a viagem, tive-mo-la em Berlim e Praga. Superou tudo quanto poderíamos ter esperado. Pode haver maiores assembleias e maior entusiasmo, mas o significado da entrega da imagem de Nossa Senhora em Berlim, onde a Virgem Peregrina nunca tinha estado, não pode ter paralelo. Conduzimo-la até ao «muro da vergonha».

No aeroporto de Templehof uma delegação estava à nossa espera para receber a imagem. A alegria do nosso grupo, constituído por mais de uma centena de pessoas, foi imensa ao verem a imagem de Nossa Senhora ser conduzida ao «Muro», e enorme a emoção pela sua primeira visita ao símbolo da divisão da Europa. Uma onda de esperança encheu todos os corações ao recordar-se a promessa da Virgem: «A Rússia converter-se-á e haverá paz».

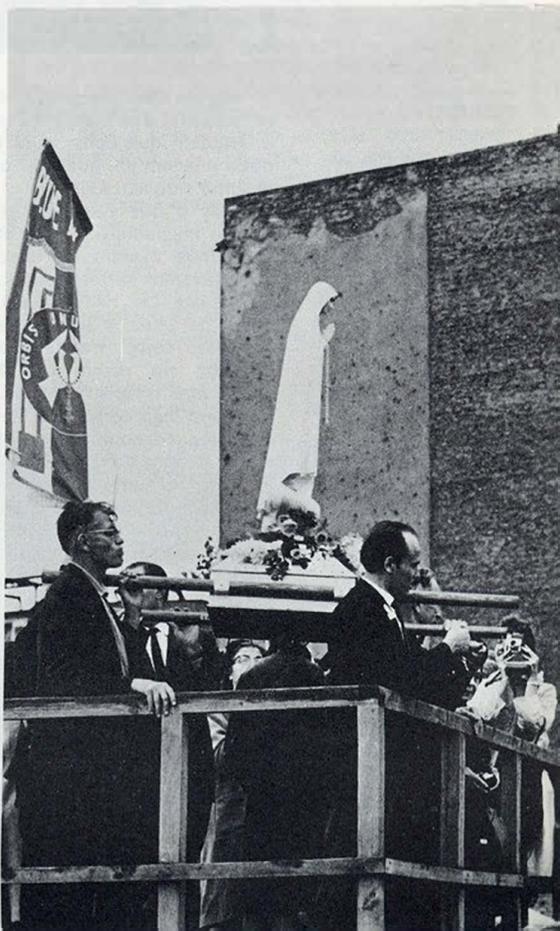
Das suas guaritas, para lá do «muro», os guardas comunistas olhavam surpreendidos não acreditando no que viam.

As 19 horas, o Bispo de Leiria assistido por dois sacerdotes americanos do grupo peregrino, celebrou missa de pontifical, perante uma numerosíssima assistência, na igreja de S. Matias. A imagem de Nossa

Senhora fora entronizada num dos altares e rodeada por muitas flores e velas. Depois da missa, o Pároco, Revdo. Mons. Schutte, no seu discurso de boas-vindas, disse: «Trouxeram-nos a imagem da Rainha da Paz. Todos os berlinenses vo-lo agradecem». Falando em nome do Bispo de Leiria, o Revdo. Pe. J. M. Schmitz, de Portland, Oregon, exprimiu a alegria de todos por serem os portadores da imagem de Nossa Senhora para a cidade de Berlim, uma cidade aonde o conflito Este-Oeste é uma permanente ameaça de guerra atómica. A meio do sermão a voz do padre emudeceu e ele começou a chorar. Nem um só dos presentes deixou de sentir a mesma comoção e apenas se escutavam soluços e viam olhos marejados de lágrimas.

Após o sermão houve uma hora de oração, chamada na Alemanha «Hora Mariana» e que consiste na recitação lenta do Terço, com meditação dos «Mistérios» seguida da bênção com o Santíssimo Sacramento. Os berlinenses ficaram ainda muito tempo na Igreja ao redor da imagem de Nossa Senhora de Fátima, rezando e chorando.

John Haffert, num velho teatro ateniense, explica aos peregrinos a razão de estarem ali. — Em cima, o avião que transportou os peregrinos da paz; à direita, no «muro» de Berlim.





PRAGA

Alguns dos peregrinos, depois do que se refere, afirmaram que se fosse impossível continuar a romagem e tivessem que voltar para trás sem deixar qualquer outra imagem em qualquer outro sitio, a peregrinação já tinha sido um êxito.

Mas o que sucedeu no dia seguinte em Praga foi tão inacreditável e tão maravilhoso que todos os peregrinos tiveram de novo o mesmo sentimento.

Estávamos surpreendidos pelo facto de o Governo Comunista ter dado vistos a todos, inclusivê ao Bispo de Leiria, e por ter dado direitos de aterragem ao nosso avião. Perguntávamo-nos a nós mesmos: «poderia ser assim tão fácil transportar públicamente uma imagem de Nossa Senhora, para a União Soviética cuja conversão Ela prometeu há 50 anos?» Contudo, os comunistas tinham projectado tornar a nossa viagem completamente infrutífera e impossível. Primeiro foi uma grande espera no aeroporto. Em seguida fomos escoltados até aos três autocarros que tinham esperado por nós durante duas horas. Contávamos que os autocarros seguissem o plano que tínhamos traçado havia mais de um mês e que estava completamente preparado consistindo numa volta à cidade de Praga, missa na Igreja do Menino Jesus e ida para os hotéis. Qual não foi a nossa surpresa quando os autocarros nos deixaram numa pequena praça, no centro da cidade, descarregando em plena rua as bagagens e a imagem, tendo partido em seguida!

Havia quatro guias ao nosso serviço. Uma delas sugeriu que os autocarros voltariam para nos levar aos hotéis. Mas as outras três, como verificámos mais tarde, tinham recebido ordens para ficarem em casa

à espera das instruções que lhes seriam dadas particularmente. Receberam-nas cerca das duas horas da tarde e foram ter connosco ao largo. Informaram-nos então, que, de acordo com as instruções recebidas o grupo devia ser dividido em três partes e seguiria em «trolley-car» ou a pé para três hotéis diferentes. Eram três horas.

Supus que, no caso de obedecermos e nos dividirmos, não teríamos depois, transporte para levar a imagem. Os táxis eram tão escassos que, quando à tarde precisei de um, tive de esperar uma hora.

Enquanto eu discutia com as guias, o Bispo de Leiria, revestido com as insignias episcopais e com a cruz peitoral que o papa lhe dera no passado dia 13 de Maio, começou a rezar o terço, dialogando-o com os peregrinos.

Depois o sr. Bispo entoou o «Avé de Fátima». Todos cantavam. As janelas abriram-se em todo o largo, e começou a juntar-se gente. As guias começaram a inquietar-se e gritavam connosco que não poderíamos ficar ali. «Mas puseram-nos aqui, disse eu, e aqui ficaremos toda a noite, se preciso for, até que venham os autocarros».

Durante duas horas o grupo rezou e cantou na praça e cada vez chegava mais gente. Alguns, vendo a devoção do nosso grupo, não conseguiram conter as lágrimas.

Quem ousaria imaginar um grupo de 108 peregrinos presididos pelo Bispo de Leiria a rezar o terço e a cantar hinos religiosos em honra de Nossa Senhora, numa praça de Praga?

De repente, como eu esperava, chegaram os autocarros. Disse a todos para tomarem imediatamente lugar nos respectivos carros e, falando com as guias, mostrei-lhes quanto dinheiro nos foi necessário para a vinda a Praga e como tínhamos de partir na manhã seguinte tendo o grupo só uma hora para ver a cidade. Insisti que só desejava levá-los ao Castelo para admirarem o panorama da cidade — mas eu conhecia a cidade e sabia que a residência episcopal era perto do castelo.

Presumi que não haveria nenhum problema para ir ao castelo e ver o aspecto geral da cidade uma vez que o dia estava a declinar.

No castelo, olhámos para a cidade e entrámos no átrio. Em seguida conduzi o grupo para a residência episcopal. As guias hesitaram. Certamente elas não podiam adivinhar que antes da nossa che-





multidão, estranhada, juntou-se ao coro dos peregrinos.

gada a Praga tínhamos recebido uma carta do sr. Bispo, Administrador Apostólico de Praga, que nos disse, em termos muito cautelosos, que desejaria dar-nos as boas-vindas e saudar a imagem de Nossa Senhora.

Toquei insistentemente a campainha da porta da garagem da residência episcopal. Finalmente apareceu alguém e, quando lhe fizemos saber que estava ali o Bispo de Leiria e um grupo de peregrinos norte-americanos, as portas abriram-se imediatamente e fomos conduzidos aos aposentos do senhor Bispo. O Bispo conduziu-nos para a sua capela. O encontro entre o Bispo de Leiria e o Administrador Apostólico de Praga parece ter sido a hora mais alta da peregrinação até aquele momento.

O Bispo disse, de improviso e brilhando-lhe nos olhos a intensa alegria do seu coração: «Nossa Senhora, há cinquenta anos, veio trazer a paz ao Mundo e é para nós uma alegria imensa trazê-la, hoje, publicamente, a V. Excia.»

Em resposta o Administrador Apostólico disse: «O nosso povo tem uma grande devoção e um grande amor a Nossa Senhora de Fátima. Presentemente, há muitas casas onde o terço é rezado diariamente, porque Nossa Senhora o pediu. Trazeis-nos a imagem de Nossa Senhora. Com este sinal seremos vitoriosos.»

A terminar, o Administrador disse ainda: «Sim, hoje transportamos uma cruz. Mas na cruz há luz, há esperança e, finalmente — e a sua voz tremeu — haverá vitória.»

O Bispo de Praga pareceu um pouco apreensivo quando lhe comunicámos ser nossa intenção levar, publicamente, a imagem para a Igreja do Menino Jesus para ali ser celebrada uma missa de pontifical. Mas deu-nos licença, perguntando se depois a não deixávamos com ele. Prometemos voltar mais tarde.

Fomos logo para os autocarros. O Bispo acompanhou-nos também e a alegria do grupo era indiscutível. Fomos para a Igreja do Menino Jesus onde a imagem de Jesus Rei podia juntar-se à imagem de Nossa Senhora Rainha, coroada como soberana do Mundo pelo Papa Pio XII em 1946, chamada a Virgem Peregrina em 1947 e a respeito da qual o mesmo Papa afirmou: «de tal maneira Ela proclamou o Seu poder e derramou os Seus favores ao longo do caminho que nós dificilmente podemos acreditar naquilo que os nossos olhos vêem».

Durante toda a Missa os nossos olhares voavam da Virgem para o Deus Menino pensando que entrávamos na corrente que provocara a exclamação de Pio XII, que era difícil acreditar em tudo aquilo.

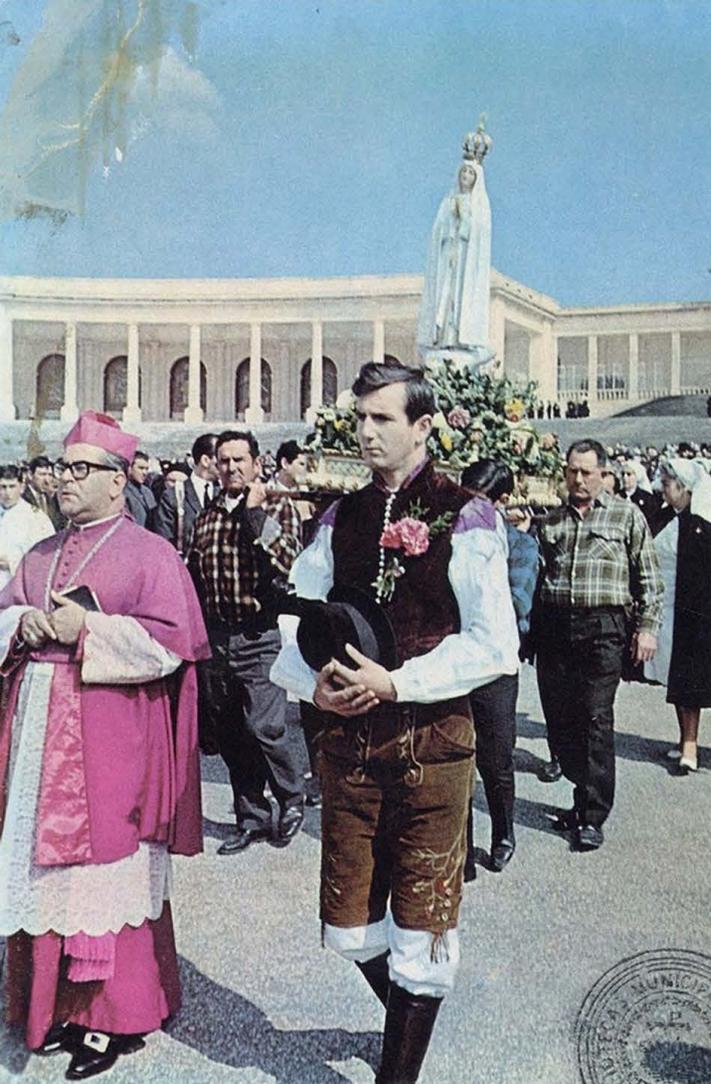
Pouco a pouco a igreja começou a encher-se com o povo daquela área e outra vez se repetiu a experiência de Berlim. Os checos estavam tristes por verem Nossa Senhora ser levada para fora da igreja, mas foi-lhes dito que ela ficaria no seu país.

No dia seguinte, quando chegámos ao aeroporto diversos guardas vermelhos vieram perguntar-nos onde tínhamos deixado a estátua que eles tinham levado para a cidade no dia anterior: «Que organização a recebeu?» — perguntou nos um que parecia o chefe —. «Deixámo-la em casa do Bispo de Praga», respondi. Perguntaram-me que bispo e que casa. Respondi sem medo porque as nossas guias sabiam-no.

Assim, os planos que eles tinham feito para tornar a nossa viagem infrutífera, serviram à maravilha para os fins que Nossa Senhora tinha em vista. Se tivéssemos planeado cada pormenor da peregrinação, não teria sido tão maravilhoso. Porque o nosso principal propósito não foi levar uma imagem da Virgem Peregrina à União Soviética senão levá-la publicamente através da «Cortina de Ferro» e conseguimos-lo.



Missa celebrada na igreja do Menino Jesus de Praga.



Os três motivos da peregrinação de 13 de Março de 1968: homens do mar; Servitas do Santuário; peregrinos jugoslavos

